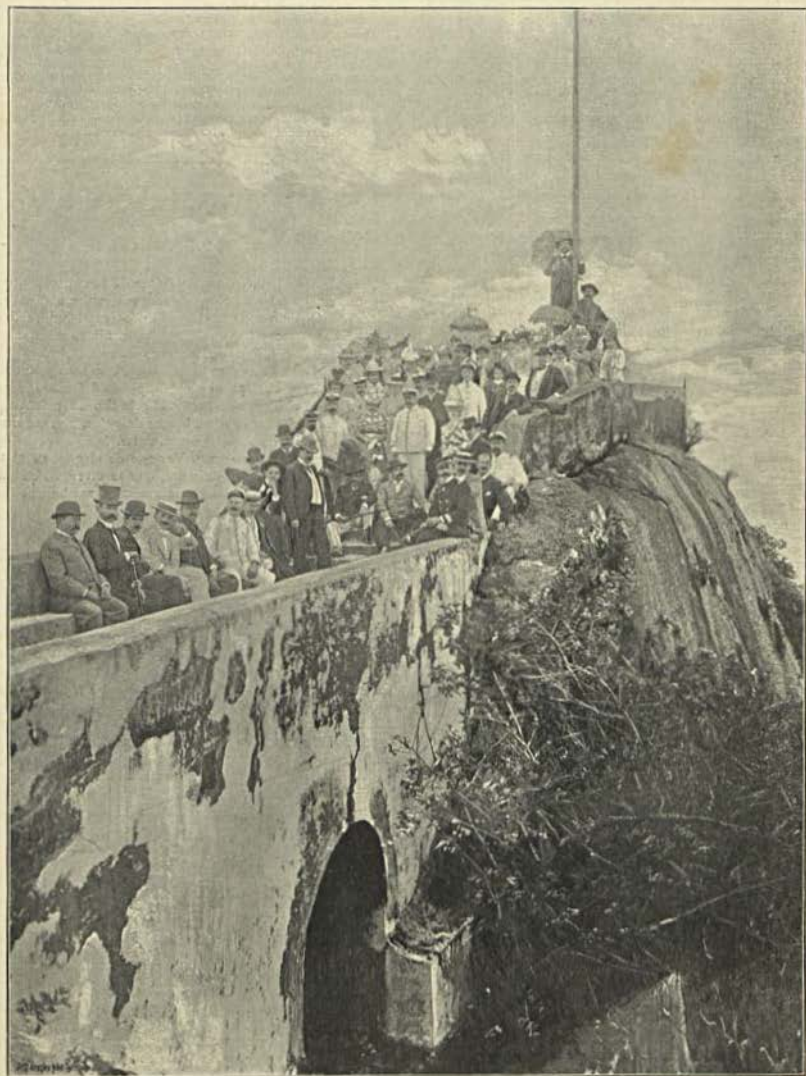


BRASIL—PORTUGAL

16 DE FEVEREIRO DE 1899



No Alto do Corcovado
(Rio de Janeiro)

Chronica Electrica

No alto do Coreovado

FERREIRA DO AMARAL NO RIO DE JANEIRO

PLENA quaresma. Entrámos no tempo santo, no tempo dos arrependimentos e das contrições. Começa o regimen de *Pennit me*, em que tanto o paiz inteiro como cada um de nós tem de bater no peito, com o Crêdo na bôca e as lagrimas nos olhos. D'aqui a pouco fecham-se os theatros e abrem-se as igrejas, dentro das quaes, pendido de uma cruz, o Nazareno, coberto de sangue e retalhado de golpes, nos chama á realidade mystica do *alem*.

É certo que ha cerca de vinte seculos está essa figura dominante e suggestiva na mesma attitude de piedade, os olhos voltados para a terra e o espirito espraído pelo céu, sem conseguir, n'esse supplicio de dois mil annos, desviar os nossos passos do mau caminho, apiedar o nosso coração e corrigir os nossos erros e peccados. Somos impenitentes... *malgré tout*.

Infelizmente assim é, mas se felizmente assim não fosse, se seguíssemos o estatuto evangelico, e visto que tanto peccamos, se outro tanto ao menos nos arrependéssemos, se nos convencessemos de que se festeja mais, no céu, a entrada de um arrependido do que de noventa e nove justos, que exemplos de santa virtude não seríamos capazes de dar, nós portuguezes, n'este pequenino rincão da Europa, agora que o tempo santo vem chamar-nos á eternidade do nada humano!

O mundo inteiro veria com assombro este christianissimo paiz entrar no caminho pautado pelas Sagradas Escripturas. Veria posta em acção, em todo o seu esplendor, a mais formosa prerogativa que o Evangelho concede aos crentes que se arrependem. Assistiria ao espectáculo commovente de ver ajoelhado sobre as lajeas do templo o sr. Ressano Garcia, arrependido e constricto de ter, o anno passado, engendrado a lei do sello, e na mesma attitude, ao lado d'elle, o sr. Espregueira, que hoje a perfilha e renova, e toda a maioría parlamentar que vae com o seu voto dar no pobre contribuinte o golpe de misericordia.

Veria a nação inteira arrependida de continuar a ter por emprestimo n'um jazigo alheio os restos de Garrett, ao mesmo tempo que lhe celebra a memoria em homenagem publica, como arrependido devia mostrar-se de ter por emprestimo tambem, n'um jazigo a que está ligado um nome execrando, o maior escriptor da lingua portugueza.

Reposos e acabrunhados havia de ver os noveleiros que espalharam a saída do sr. conselheiro Pereira Carrilho do ministerio da fazenda, sem pensarem que o sr. Carrilho, que é uma instituição publica, está preso ao Orçamento como a ostra á casca. E afflictos, n'um pesadello, contemplaria o mundo os da maioria que cairam na tolice de perder a confiança no sr. Elvino de Brito, que lhes deu uma lição mestra forçando-os á *amende honorable* que ficou registada nos fastos da camara alta. E assistiria o globo ao arrependimento de todos nós, a começar em quarta feira de cinzas, por acabarmos de cair ainda n'esta asneira annual que em portuguez se chamava aqui ha seculos: o entrudo.

Deparar-se-lhe-ia arrependida a maioría por se pôr na contingencia inhabil de levar cheques, e a minoria por perder o seu latim gastando cera com ruins defuntos; arrependido o governo de não ter endossado a outros as responsabilidades, El-Rei de partir para a caça ao javali em Monforte, quando mais resolutivo iria caçar o mais perigoso de todos os javalis — o deficit — para lhe metter uma bala no couro, visto que os governos, em vez de o espatifarem, cada vez o engordam mais.

Mas, finalmente, para que nem tudo fosse arrependimento durante o tempo santo, e alguma coisa se houvesse feito, que por igual agradasse a Deus e aos homens, veria o mundo o jubilo com que o chefe do Estado, em nome de nós todos, acolheu e acceptou o convite que do Brasil lhe foi feito para ser o presidente da Associação do Centenario do Descobrimto do Brasil. É que todos viram n'esse convite uma alta e eloquente significação de confraternidade, mais um laço a estreitar as relações affectuosas dos dois paizes. Á frente d'essa associação benemerita ficam dois nomes: o d'El-Rei D. Carlos e o do dr. Campos Salles. Por brasileiros foram ambos proclamados.

Tudo está dito.

Refeces no arrependimento, faz-nos bem á alma esta consolação, que fecha com chave de oiro a chronica do...

CUMPRIMOS a promessa que fizemos no primeiro numero ao darmos a gravura que representava o conselheiro Ferreira do Amaral com um grupo de portuguezes no hotel das Paineiras.

O grupo, que vem hoje na nossa primeira pagina, é reproduzido de uma photographia tirada no alto do Coreovado, o morro grandioso, d'onde se descortina um dos mais formosos panoramas do mundo. Lá está de pé, no meio dos seus admiradores, dos seus amigos e dos seus camaradas da armada brasileira e da portugueza, o conselheiro Ferreira do Amaral, que continua a sua viagem triumphal pelas costas do Brasil, recebendo dos seus compatriotas e dos filhos d'essa nação amiga as homenagens de *sympathia* e de afeição, que tão poderosamente vem reflectir-se no seu paiz.

D'essa soberba imminecia, cerca de 1.000 metros, a prumo, acima do nivel do mar, Ferreira do Amaral contempla as florestas virgens, por sobra as quaes assoma o altivo morro, a paisagem mais luxuriante e poderosa que os olhos podem admirar, a enorme cidade que cá em baixo tem o ar de uma miniatura, a cordilheira infinita de montanhas que se prolongam e requebram na linha do horizonte, e, sobrepunando todos os encantos d'esse spectaculo unico, a bahia de Botafogo, ampla, bella, cheia de grandeza e de pittoreco.

A' varanda do club

Notas rapidas

Ohé, Carnaval! ohé, Carnaval! Que de folia por hi alem... Passam, cantando, lindas bacchantes. Bem vos conheço, olhos gaiatos.

Todo o Olympto anda na rua muito contente, muito feliz, trinando risos, dizendo graças. Olha a Aphrodita, que linda vae, toda de branco, os seios nus... E logo, atraz, Marte alquebrado; a deus, o Salsa, a deus, o velho! Jupiter e Leda como vão tempos, com seus meninos Castor e Pollux... Ai que chalaça! ai que delirio! vão á Trindade ver o Justino, e tomar parte n'um *pas-de-quatre*. E pelo Chiado, pela Avenida, passam mil deusas, saiotas curtos, braços despidos, a ver se arranjam novos amores, ceias baratas nos restaurantes.

Vem á janella, alma dorida. Veste-te de alegria, touca-te de beijos... Vê o visinho d'alí defronte, que se diverte. Poz um nariz de papelão... E com as filhas, brancas vestaes, vae hoje ao baile a bregeirar.

Nós tambem vamos. E n'um gabinete, depois, conversaremos os dois, os dois... Ai, que de cousas vamos dizer, muito em segredo, muito em segredo.

Quella janellas jogam tremoços finas donzellas e peccadoras. Que miscellanea! a que de combates! E o amor passa ás gargalhadas, ás caribolhas. Parece doido; ás vezes vae. Brincam com elle, ora as solteiras, ora as casadas... Não é por mal, mas o pequeno tem taes feitiços, encantos... Quantos romances temos que ler depois da festa!

Quem é aquella que nos sorri? Linha elegante, peitos sadios, labios vermelhos, dentes tão brancos... Como ella corre! que desenvolta! Levaa, aos braços, rosas, lilazes; não tem tristezas, não tem cuidados. Sonha? os seus sonhos são côr do céu. Vive de nadas, vive de esperanças; que de illusões... Como é feliz! Bem te conheço, o mocidade, o minha amada de antigos tempos! Que de saudades que tu me fazes! Leve o demonio negro queixumes. Anda, minh'alma; não te amofines. Atrá-lhe, vá, uma mão cheia de fartos risos e doces beijos.

Ohé, Carnaval! ohé, Carnaval! Sinto-te os guizos e as pandeiretas. E, pelas ruas, a gritaria não cessa, não. Parecem doidos que vão fugidos. Rondá infernal, dança macabra, que aos olhos meus vejo passar...

Escravos e reis, virgens, nababos, gordos abbades, vates famintos, amor que se vende, amor que se dá, amor de uma hora, amor de uma vida, brancos e pretos, loiros, loiras, morenas, labios que mentem, olhos que choram, phrases que enganam, odios, paixões, crimes e vicios, sabios, gatunos, miseria e luxo, pompas, desgraças, tudo caminha, de braço dado, em farandola, alegremente, maguas esquecidas, cabellos soltos, bocas abertas n'um riso louco.

E amanhã, oh, amanhã... Tu, Carnaval, terá passado. Tudo passa n'este mundo. Nada revive no outro...

Ao Olympto as pobres deusas estarão todas recolhidas. Banhos de incensos, banhos de myrrha, hão de então purificar-as. O tempo Santo virá. Lindas mantilhas de rendas negras hão de envolver-lhes os corpos. E no mysterio e no segredo dos duros confessorianos... quantas culpas perdoadas, Deus do céu, Deus clemente!

Unico amôr

(NÉDITO)

La jeunesse est bien belle, madame Couture.

H. DE BALZAC.

O caso d'aquella Margarita preciosa — pedra preciosa e rara — como lhe chamou o meu amigo Manoel, deixou-me impressionado e pouco falador ao jantar. Deixou-nos, direi melhor, que estas cousas passadas, que guardamos no coração, assemelham-se a claro liquido, cujo travor depositou no fundo do crystal, e que mal se lhe meche vem á superficie, faz-nos soffrer e amarga.

Depois sentamo-nos na varanda em frente ao campo, na paz religiosa d'aquelle fim de dia de verão. A lua, ainda em gloria no poente, principiava a refugiar-se no alto ceu; dentre as arvores iam as sombras saindo subtilmente; e a pequenita, cansada de brincar, o rosto enquadado nos cabellos negros, sentou-se nos joelhos do pae e encostou-lhe a face ao coração. Elle beijou-a.

— A esta hora — disse a adoravel mulher do meu amigo — Margarida está fechando tudo para ir dizer ao avô que o seu namorado ainda não veio.

Ficamos calados pensando na pobre Margarida.

Depois eu disse:

— Oh! mas que defecho tão diferente o d'uma outra figura d'amor — deliciosa visão ossianica! — a qual se apagou por uma tarde calma e placida, caminhando em extase da beira d'este mundo para o esplendor do mysterio...

E, como elles tomassem attitudes de me ouvir, continuei:

— Era á beira do mar, casa pobre mas acieida e limpa; uns degraus de pedra, subindo a um pequeno patamar com seu alpendre, davam-lhe entrada; a porta era pintada a verde-linho e tinha uma gelosia no alto, onde quantas vezes — que saudades sinto! — vi sorrir-se para mim, alegre e lindo, o rosto de Clara Maria.

Recanto mais pittoresco junto ao mar não ha com certeza por esse littoral abaixo. A verdura do campo, as mēdas, trigos, milhos, arvores de fructo, gado pastando, veem, como no mar Thyreno, quasi terminar ao pé das aguas. Ha ali marinhas de um encanto raro...

Mas o verdadeiro encanto era ella. Senhoril, graciosa, feições docemente tocadas de melancolia e serenidade, olhos tranquillos, morena. Vivia só; o mar levava-lhe tudo. Era rendilheira e trabalhava no patamar da sua escada á sombra do alpendre. E sobre as aguas, ao longe, andava aquelle que ella esperava, havia annos, e viria esposal-a em um dia grande de jubilo, trazendo sobre o coração a cruz que ella lhe dera ao partir como um penhor sagrado.

Este amor perfumava a povoação; eu adorava-a, em silencio, dentro do meu peito, soffrendo; todos a amavam: ella era a flôr d'aquella beira mar.

Sentada á sombra do alpendre, esperava-o, trabalhando as suas rendas enquanto os bilros cantavam nos seus dedos as angustias do seu amor. O mar em frente ia infinito, sereno, azul... navio ao largo: — Elle vem! elle vem! — diziam

elles, e toda a alfomada vibrava; iam, vinham, dançavam, cantavam como n'uma festa ephitalamica: — Oh! que lindas rendas para uma camisa de noiva!

Céu carrancudo, mar bravo... Se não voltasse?! se...?! Desalento profundo na alfomada, movimentos desencontrados de duvida, de desesperança, de aneio; os olhos tranquillos perturbavam-se — meu Deus! — e os alfinetes espetavam-se com mais força, com dôr, na renda triste e molhada.

Mas uma vez calaram-se. Elle não veio e em seu lugar trouxeram-lhe de longe uma cruz preta arrancada de sobre o coração d'um naufragado.

Oh! o mar levava-lhe tudo!

Ergueu-se. Era de tarde. Arrumou no seu logar a alfomada; deitou ao pescoco o fio d'ouro, cuja cruz agasalhou no seio; e, muito serena e pallida, sem voltar-se, desceu a sua escada e caminhou em direcção á praia.

Estava o sol ao rez das aguas: myriades de espiritos luminosos brincavam no seu dorso de gigante socegado e bondoso. A onda chapinava doces queixas de encontro ao rochedo illuminado de rosa. Havia uma penetrante saudade na pacifica extensão silenciosa. Vinham suspiros no marulhar da vaga, talvez de pobres marinheiros mortos ao longe e que dormiam sosinhos e esperando no claro seio das aguas. Ella ouvia, lá no fundo, o sino argentino e festivo de uma capellita submarina, encantada no meio das algas verdes, a repicar, a chamar a um eterno e venturoso noivado. Benzeu-se, cruzou as mãos sobre o peito, e, muito docemente, como se partisse em sonho para deliciosa viagem onde alma adorada a esperava, deixou-se escorregar na agua verde e profunda. Levava as mãos cruzadas sobre o peito, a bôca apertada, os olhos fechados serenamente: ia linda! E sumiu-se já quando a luz se extinguiu, o mar tomava um tom azul escuro, uma ave atravessava gemendo e, no horizonte, apparecia, como attonita, uma estrella. O sino, em terra, tocava á oração. Sumiu-se...

Esta simples historia humedecêra os olhos da adoravel mulher do meu amigo. A creança dormia com a cabecita encostada ao coração do pae. Apagava-se a luz crepuscular: anoitecia.

GUILHERME GAMA.



O CENTENARIO DE GARRETT

24 de fevereiro de 1899

As homenagens com que Portugal celebrou a memoria de Garrett associam-se pela segunda vez o *Brasil-Portugal*. Consagra estas paginas de honra ao grande poeta, como lhe consagrou já uma das paginas do primeiro numero d'esta revista.

Primaram a todas as duas festas artisticas que se realisaram com exito em dois grandes theatros de Lisboa: o de D. Maria e o de D. Amelia. O primeiro fora o proprio theatro das glorias do dramaturgo incomparavel. Ve a *sala de Garrett*, como alguns lhe chamam com justiça. Justo era portanto que a festa de gala, a apothecose, fosse celebrada n'esse mesmo palco por onde gerações que se succederam viram desfilas as figuras inolvidaveis que o espirito fecundo do poeta arrancara á phantasia ou á historia. Por esse palco, onde a arte de representar attingira entre nós o mais elevado grau, passaram em varias represent., muitas vezes com intervallos de largos annos, o *Alfageme de Santarem*, o *Frei Luiz de Souza*, a *Sobrinha do Marquez*, as *Prophcias do Bandarra*, a *Filippa de Vilhena*.

N'essa mesma noite, que evocava os triumphos passados, um escriptor moderno, um dramaturgo de talento, co-roava a obra da glorificação, fazendo representar um *auto* em que a poesia corre parellhas com a imaginação para em toda a sua luz nos apresentarem a figura immortal de Garrett.

No theatro D. Amelia não menos suggestiva e sympathica era a festa promovida e feita pelos primeiros artistas do nosso theatro, que altamente haviam encarnado pela primeira vez, oito annos antes, no palco do Rocio, as personagens do *Alfageme*, tão repassadas de patriotismo e de arte.

Completo-se d'esta forma a celebração artistica; o genio de Garrett atravez da esmerada interpretação dos artistas de D. Amelia fez vibrar de novo a alma portugueza, e a arte, glorificando, bem mereceu da justiça e da critica.

Mas não foi só a arte no theatro que se encarregou de dar realce á celebração commemorativa do centenario do poeta. E não foi Lisboa apenas, onde as cinzas d'elle repousam, que procurou glorificar-o. A eloquencia e a critica escolheram esse dia anniversario para enaltecer-lhe a figura que de tão alto domina o seculo.

E a Academia das Sciencias bem comprehendeu a sua missão de consagrar uma sessão especial e solemne á memoria de Garrett, e em confiar no mais encyclopedico dos escriptores portuguezes a tarefa de mostrar em toda a sua grandezza o que foi a acção e a obra de Garrett no theatro, na poesia, no romance, na imprensa, no governo, no parlamento, na sociedade, no seculo emfim a que elle prodigalisou tão extraordinario concurso de faculdades e aptidões.

Tambem por meio da eloquencia o Porto consagrou a sua mais alta homenagem á memoria d'Elle, e a sessão do Atheneu Commercial, em que tantos oradores espalharam sobre essa gloriosa sombra as mais bellas flores da oratoria, honra a cidade, cuja veracão teve a comprehensão nitida do seu dever, ao mandar collocar no jazigo de Lisboa em que repousa Garrett uma coroa opulenta e artistica, que representa a homenagem da cidade em que elle nasceu.

E para coroar, finalmente, a celebração apothecica a que a mocidade das escolas des uma nota tão sympathica e tão viva, vem o gentil offercimento de Teixeira Lopes, que se propõe fazer a estatua do auctor do *Frei Luiz de Souza*, como se o destino fosse d'esta vez tão providencial e tão justo, que tivesse deixado propositalmente correr tantos annos sobre a morte de Garrett, á espera de que apparecesse o unico artista portuguez capaz de reproduzir n'uma obra immortal a figura do poeta nas feições multiplas do seu genio.



(N.º 1)



(N.º 2)



(N.º 3)



(N.º 4)

ESPIRITO GENTIL

Espirito gentil, doce espirito alado,
Que bathoste de luz um seculo febril,
Coração que tiveste esse condão sagrado
De cantares no outono uma canção d'abril!

Como tudo se afunila e some! Tudo, tudo!
Como todo o ideal, poesia, sonho, crença,
Tem encontros a dôr se o teu olhar nos fita,
E doira-nos a alma o teu sorriso casto.

Dentro do coração da patria o teu palpito,
E o genio portuguez vivo em teu genio vasto,
Não sabe quem te olhar e olhar para Hercules
Se ahyana no revoltio e fundo mar! Continúa
Por sobre elle fluctua a tua obra immensa.

Fidelissimo valle, amplo como o oceano,
Batido pelo sol n'uma curvatura estranha,
Não sabe quem te olhar e olhar para Hercules
Se é maior e mais bello o valle se a montanha.

A lenha perfilhou as tuas creações,
E envolto n'uma luz como a dos lyrios branca,
Mostra-nos o Alfageme ao lado do Camões,
E Adoinda, e Maria, e Magdalena, e Branca.

E hoje? Hoje escura e vultuoso poeta,
Como se orgulhas a patria, a mãe, de ter tal filho?
Triumphaste, attingiste essa longuinha meta
D'onde o genio, igual aoçol, despeja britho.

Vê: a posteridade é justa. N'esta sala,
Onde *Frei Luiz de Souza* emocionou os velhos,
Em nome da Arte, não, os de hoje, toda a ala,
Vimos agradecer-te. Aqui nos tems, de joelhos.

Fevereiro de 1899.

JAYNE VICIUS



(N.º 6)

Estas versos foram espalhados no theatro de D. Maria na noite commemorativa do 1.º centenario de Garrett.

N.º 1 Allegoria, coroação do busto de Garrett no theatro de D. Maria II—N.º 2 Rosa Damasceno (Aida) no *Alfageme de Santarem*, no theatro D. Amelia—N.º 3 Eduardo Brazão (*Alfageme*) idem—N.º 4 Augusto Rosa (D. Nuno Alvares Pereira) idem—N.º 5 João Rosa (Fr. Froylão) idem—N.º 6 *O Auto do Busto*, original em verso, de Marcelino Mesquita, representado no Theatro Normal na noite de 24 de fevereiro

BARÃO DE MARAJÓ



Barão de Marajó

Cartas de Paris

Do "Boulevard."

Que terrível crise de perturbação está soffrendo n'esta hora a grande personalidade moral que se chama a França! Os acontecimentos succedem-se com uma rapidez desorientadora, e, ainda que ligando-se todos á mesma questão, cada dia mudam de importancia. O acontecimento de hontem apaga o de hoje para desapparecer a seu turno perante o de amanhã. Estamos aqui n'um d'esses periodos revolucionarios que consomem os acontecimentos e os homens.

Tivemos successivamente a questão Dreyfus, a questão Esterhazy, a questão Zola, a questão Picquart, a revisão perante a Camara Criminal do Tribunal de Cassação, a regulamentação dos juizes, e cada novo incidente parecia dever tomar uma importancia que logo pendia em proveito de um outro.

Actualmente, é a propria questão Dreyfus que passa para o segundo plano, desthronada por um projecto de lei do governo retirando á Camara criminal os poderes do julgamento do inquerito a que está procedendo sobre a revisão do processo Dreyfus e transferindo esses poderes para a assembléa plenaria das secções reunidas do Supremo Tribunal.

Esta questão está tomando n'esta hora uma importancia muito maior do que a propria revisão do processo Dreyfus, e, para combatel-a, os partidos avancados preparam as suas melhores armas. A lei que se propõe é com effeito uma revogação formal, absoluta, indiscutivel, não sómente de todos os principios que regem os direitos, mas tambem das bases essenciaes da justiça.

Estou persuadido de que, ao apresentar este projecto de lei, o

PORTUGUEZ pelo sangue, brasileiro por nascimento, o barão de Marajó, a cuja penna auctorizada o *Brasil-Portugal* deve os primorosos artigos que vem publicando, é uma das mais sympathicas individualidades do Norte do Brasil.

José Coelho da Gama e Abreu nasceu no Pará, em 1831. Correram accidentados os primeiros annos da sua vida, pois que, por occasião da sanguinolenta revolução de 35, fugiu com toda a sua familia, para escapar aos horrores d'essa epocha de perigos, para Portugal, patria de seu pae. Aqui se conservou até 45, anno em que regressou ao Brasil, fazendo então a primeira viagem pelo vasto Amazonas com seu pae, que, como official de artilheria do exercito portuguez, tomara parte nas demarcações entre Portugal e a Hespanha n'aquellas então pouco exploradas regiões. Anos depois graduava-se em philosophia e mathematicas, em Coimbra, e em 54, partia de novo para o Pará, onde a breve trecho foi nomeado director das obras publicas e das obras geraes, deputado provincial, deputado geral e chefe do estado maior das Guardas Nacionaes.

E' longa a lista de serviços prestados pelo barão de Marajó, titulo que lhe foi conferido em 81, no tempo do Imperio. E tanta era a sua competencia em assumptos de administração, tanto o prestigio do seu nome, do seu caracter e da sua intelligencia, que o nomearam governador do Amazonas, e depois governador do Pará, sendo mais tarde encarregado de representar o Brasil nas exposições de Paris (89), e de Chicago (93). Proclamada a Republica, seguindo na onda dos novos ideaes, accetou, instado, o logar de Intendente Municipal de Belém, que lhe devete importantes melhoramentos, e pouco depois tomava assento no Senado, de onde ainda hoje é um dos mais notaveis membros.

Saudades do nosso paiz trazem-o todos os annos a este cantinho da velha Europa, onde é justamente apreciado e querido pelas suas altas qualidades de caracter e de espirito, e onde em grande conta é tida toda a sua bagagem litteraria, desde as suas interessantes obras de viagens na Europa, na America e no Oriente, até ao curiozissimo livro, o ultimo que publicou sobre as Regiões Amazonicas—trabalho de folego, pacientemente elaborado durante annos, e que se recommenda pela copia de dados precisos e pela forma facil e despretenciosa.

governo estava animado de excellentes intenções. Vendo que a decisão da Camara Criminal era discutida antes mesmo de ser pronunciada, pensou fazer cessar as discussões e apaziguar os espiritos, alargando o tribunal que proferiria o «verdictum.» Mas a idéa, que é aliaz louvavel, não produziu o effeito desejado, antes augmentou a agitação, atrozando o epilogo do monstruoso drama judicial a que estamos assistindo.

Se se tivesse deixado a Camara Criminal proseguir e terminar a sua missão em conformidade com a legislação existente, tudo estava acabado cito dias depois do seu «verdictum.»

Eu não tenho a velleidade de acreditar que esse «verdictum» seria accetito sem protestos, não. Muita gente tomou um partido apaixonado nos debates que dividem a França de ha quinze mezes a esta parte, para que se possa esperar que todos se inclinariam perante a decisão do tribunal supremo. Numerosos haviam de ser os que amaldiçoariam o julgamento desfavoravel aos seus preconceitos ou aos seus odios.

Mas isso duraria pouco tempo, e os protestos extinguir-se-iam sob a indifferença da opinião publica, ou então teriam sido abafados pela satisfação dos innumeraveis cidadãos pacificos e laboriosos, que estão sendo prejudicados nos seus interesses pelo estado de perturbação causada pela irritante questão Dreyfus.

A apresentação do projecto ministerial creou uma situação differente. A terminação do processo não se podia ainda prever, o apaziguamento dos espiritos está longe de fazer-se. Desde que appareceu na Camara esse projecto procurou e no parlamento, na imprensa e na rua, esse apaziguamento annunciado, sem o encontrar. Ao contrario, o que veio por toda a parte é um acrecimento de paixões, de odios, de violencias, de injurias e de calumnias!

Este espectaculo entristece-me, porque taes divisões enfraquecem consideravelmente a democracia franceza, precisamente na

hora em que ella teria maior necessidade de unir-se contra os seus inimigos colligados.

N'uma talhada, se ousa assim dizer, da immensa Galeria das Machinas do «Champ-de-Mars», que será, no proximo anno, a sala das festas da Exposição Universal, abriu-se hontem a decima oitava exposição annual das pintoras e esculptoras parisienses. E o «Salon» official da «feminidade» artistica. As hereticas, as acimaticas, expõem aqui ao lado, na galeria da rua de Stze. No quadro solemne, e um tanto frio, do «Champ-de-Mars» expõe a «União das Pintoras», sociedade organizada em fórma, munida d'estatutos, ornada de uma presidente effectiva, Madame Rose Bonheur, a George Sand da pintura; de uma presidente honoraria, Madame Bertaux; de membros d'honra, entre os quaes Mademoiselle Lucia Faure, a muy sympathica filha do presidente da Republica, e a duquesa d'Uzes; e administrada por uma direcção assaz numerosa: Madame Dumont Breton, presidente; Meadames Huillard e Delacroix-Garnier, vice presidentes; e mais uma inspectora de finanças, uma thesoureira, uma secretaria, que sei eu!

O sexo forte só é ali representado por um advogado da sociedade. E, comtudo, poderiam ter achado, sem muito trabalho, uma doutora em direito.

A quantidade das obras expostas está em relação com esta forte organização social: perto de mil numerus guarnecem uma meia duzia de grandes salas, onde se vê um esforço de produção consideravel, que toma um caracter profissional de natureza a interessar os economistas. A concorrencia não folga, principalmente em certas especialidades, taes como a natureza-morta e o retrato; e os homens tem que pôr-se em guarda, pois não fecharão nem a Academia de Bellas-Artes nem os «ateliers» privados a estas futuras societarias das diversas Uniãoes femininas, e não tarda o momento em que ellas lutarão com armas quaes eguas no terreno das encomendas.

As mulheres artistas, até aqui, têm-se contado, mas antes do fim do seculo será preciso contar com ellas.

A celebração do centenário do nosso grande poeta Almeida Garrett teve um sympathico echo em Paris, devida a uma commissão da colonia portugueza, em que entraram os srs. Bartholomeu Ferreira, primeiro secretario da Legação de Portugal, seu irmão Dr. Cisneros Ferreira, o distincto esculptor Thomas Costa, o exímio compositor Francisco de Lacerda, os srs. Borges de Castro, Alexandre Soares, José de Figueiredo, Xavier de Carvalho e o auctor d'estas linhas.

Foi ante-hontem que esta commissão levou a effecto a sua iniciativa, realisando uma brilhante «soirée» litteraria e artistica no salão nobre da Sociedade de Geographia de Paris, com o concurso de alguns litteratos e artistas francezes.

Presidiu Catulle Mendès, que foi muito bem escolhido para prestar homenagem, em nome da litteratura franceza, á memoria de Garrett, visto elle ser de antiga descendencia portugueza. N'essa curta allocução de abertura, Catulle Mendès recordou, n'um estylo encantador, que a festa de Garrett coincidia com o primeiro sabbado litterario de Sarah Bernhardt, consagrado a Victor Hugo.

O sr. Brian Gaubast fez uma conferencia assaz erudita sobre Almeida Garrett e a sua obra. O sr. Henri Faure discursou sobre a «Lenda de Santa Irene» elogiando-lhe o encanto e a elegancia. O sr. Vincent, cujos trabalhos sobre a litteratura peninsular não bem conhecidos, leu um substancial estudo sobre os predecessores de Almeida Garrett. Por ultimo, o nosso muito illustre collega do «Gil Blas» e do «Journal», Maxime Formont, falou do «Frei Luiz

de Sousa», a obra-prima de Garrett, traduzida e adaptada por elle sob o titulo de «Le Pélerin», da qual Mademoiselle Moreno, da Comedia Franceza, leu duas das melhores scenas, que produziram uma grande impressão no publico, arrancando calorosos applausos. Esta mesma talentosa actriz, assim como Mademoiselle Clere e o sr. Albert Lambert, do Odéon, recitaram varias poesias de Garrett, notavelmente traduzidas pelo sr. Marc Legrand.

Francisco de Lacerda obteve um verdadeiro successo com a sua adaptação para musica da «Saude», «posto amargo de infelizes» de Garrett, e de outros trechos de sua composição. E o nosso grande pianista Vianna da Motta foi mais uma vez applaudidissimo na magnifica «Rapsodia» portugueza, que foi um dos maiores atractivos d'esta brilhante festa, que marcará mais uma bella pagina na historia da colonia portugueza de Paris.

Paris está em plena quadra de festas e de «soirées» artisticas. Acabada a estação venatoria, o chamado «grand-monde» regressa á capital e reabre os seus salões, d'onde jorram flocos de luz e de harmonia.

Entre as primeiras d'estas grandes reuniões parisienses, teve um distincto logar o soberbo baile com que o sr. barão de Porciuncula abriu os seus bellos salões da Avenida Kléber, ao qual concorreu toda a «elite» da colonia brasileira de Paris. As honras da casa eram feitas pela senhora baroneza de Porciuncula e pelas suas filhas, essas encantadoras brasileiras, tão parisienses n'esta capital.

A seu turno, Madame de Araujo deu a semana passada uma «soirée» nos seus salões na rua Vignon, onde triumpharam n'essa noite a belleza, o espirito e a musica. Mademoiselle Kremer cantou admiravelmente varios trechos de musica do sr. Vazar e Aga, que a acompanhava ao piano; não menos entusiasmo causou a bella voz de tenor do sr. conde de Carapébus.

N'uma espirituosa revista em dois actos e um prologo «Flocos de Neige», escripta pelo sr. Hertault, obtiveram grande e merecido successo Mademoiselles Luiza e Georgina d'Araujo. O enredo da revista é simples, mas engraçadissimo: «Madame de Lutèce», uma parisiense, como o nome indica, recebe uma amiga do Rio de Janeiro, «Madame de Santos», e inicia-a nas intrigas da capital e no movimento politico, theatral, mundano e até feminista de Paris. D'ahi uma serie de ditos humoristicos, de scenas hilariantes, representadas com uma grande «verve» pelas sympathicas filhas de Madame d'Araujo, que cantaram tambem com uma excepcional finura os engraçados «couplets», que matizam a deliciosa revista.

Em resumo, esta encantadora festa, a que assistiu tudo quanto a colonia brasileira conta de mais distincto em Paris, como as familias Piza, Nioc, Lima e Silva, Maximo de Sousa, Santa Victoria, Porciuncula, de Sisto, Mora, Andrada, de Carapébus, Urbano de Paris, Lage, de Rio Branco, Gonçalves, de Silva, Napoleão G. da Cunha, A. da Cunha, A. Ferrão, de Monbrial, Morado, Topin, de Amaral, de Gouveia, de Silva Ramos, Paes Leme, O'Ipunema Moreira, e outras, cujos nomes me escapam n'este momento, foi um successo sem precedentes, nos annaes da distincta colonia, para Mademoiselle d'Araujo, para Madame de Faro, que acompanhou suas encantadoras netas ao piano, e para a organisadora de tão deliciosa «soirée» de que todos conservaremos uma saudosa recordação.

Na minha estrella como chronista parisiense d'esta excellente revista, que me conferiu honra tão immerecida, tenho ao menos a satisfação de poder transmitir aos seus leitores da grande nação irmã e amiga o echo d'estas brilhantes festas da colonia brasileira na primeira capital do mundo.

Paris, 13 fevereiro.

SILVA LISBOA.

POETAS E PROSADORES

(PEROLAS DISPERSAS)

O FILHO

A vida d'elle era uma gargalhada,
A vida d'ella um pranto. Ella chorava
Sob o cruel trabalho que a matava,
Elle ria na tasca enfumacada.

Jamais nos labios d'ella a zama doirada
De um sorriso passou;—jamais na cava
E horrenda face d'elle resvalava
Sequer de um pranto a perola nevada.

Mas Deus que deu á entranha de Maria
O Redemptor dos homens, Deus lhes fez
Uma esmola:—Deus fel os paes um dia:

E ambos, beijando ao filho os niveos pés,
Pela primeira vez ella sorria,
E elle chorou pela primeira vez.

LUIZ GUMARÃES.

D'O PASTOR FERREGRINO

Se coubesse em meus versos, e em meu canto
A tristeza sem fim, que o peito encerra,
Moveria aos penedos d'esta serra
A nova piedade, e novo espanto.

Se poderaem meus olhos chorar tanto,
Quanto se deve á cousa que os desterra,
Cobriram já em lagrimas a terra
Escurecendo o seu tão verde manto.

Mas o que tem amor dentro encerrado
Na alma, que á lingua, e olhos se defende,
Não pôde ser com lagrimas contado:

Ah! quem sabe sentir, quanto comprehendo,
Que o mal, que está occulto em meu cuidado,
Não, se vê, não se mostra, não se entende.

FRANCISCO RODRIGUES LOBO.

O Carnaval - por Celso Herrmann



3ª feira de entrudo



4ª feira de cinzas.

Relações commerciaes de Portugal

I

Dus me defenda—que com a minha vontade conto eu—de me embrenhar em discussões especulativas sobre a significação que tenha ou possa ter a denominada *balança do commercio*. Que o que cada paiz importa denuncia as exigencias dos seus consumos, e o que exporta, e nas condições em que o exporta, se relaciona com a sua aptidão productiva, penso-o incontestavel. E como nenhum nada recebe de fora, nem manda nada de graça, as permutas commerciaes realisadas por cada paiz serião elemento indispensavel para se avaliar do seu modo de ser economico.

Propositamente escrevi *exigencias dos consumos, e aptidão productiva*: é que, nem as primeiras traduzem *necessidade*, nem a segunda *capacidade*. São o que são, o que não quer dizer sejam o que deviam ou podiam ser.

Sobre os primeiros, sobre os consumos, é difficil exercer acção directora, por isso que sendo de extrema sensibilidade, influencia-os immensamente e ostensivamente qualquer incidente ou minima perturbação. O desmancha n'elles, quer lhe seja causa vicio social ou economico, tem em si proprio correctivo, tanto mais rapido quanto maior for.

Para a produçãõ ha, pelo contrario, possibilidade de emcunhal-a: são, porém, menos sensíveis os effeitos de má orientação. Lentos, mas continuos, não se revelam um a um. Por isso passam despercebidos: mas accumulam-se e quando apparecem são, em geral, fulminantes. Até lá attribue-se a origem do mal estar que se vai sentindo, não a vicio proprio, mas a causa estranha, e acceptam-se e pedem-se, como remedio, palliativos que, quando outro mal não façam, mantêm a illusão e arregam mais erro.

A causa d'esta disparidade, que se dá na pratica entre factos que theoreticamente devem ser harmonicos, tem, para mim, como presumível explicação, os consumos correrem sempre e em toda a parte parallelamente á evoluçãõ dos costumes, ao passo que a produçãõ é mais lenta em romper com o tradicionalismo, carecendo até de ser a isso compellida.

D'aquei o contarem os paizes que, relativamente á sua produçãõ, o que foi serã, e que a lucta commercial pedo conservar montonios, o tolerar privilegios; e brutal desengano devia tiral-os d'este— profundo enlevo d'alma que a fortuna não havia de deixar durar muito,—mas que, bastas vezes, bem mal para elles! assim não succede. Insiste-se com teimosia, gastam-se esforços e consume-se tempo em preparar rezaves; e esforços que tão profucos poderiam ser dirigidos n'outro sentido, tempo que tanta falta faz depois: outros mais maleáveis e diga-se, menos confiados em si, aproveitavam-se, e emquanto aquelles se exortam para impôr, estes esforçam-se por satisfazer. No dia em que os primeiros se convencerem de que se debatem contra o impossivel, será tarde, que já encontrarão o campo occupado pelos segundos.

Não phantasio: antecipo talvez conclusões a que levarão os factos que me proponho estudar.

Do que fica dito deprende-se a importancia que me merece o estudo das relações commerciaes de um paiz, e esse estudo, em meu entender, deve fazer-se para d'elle se tirar lição pratica, embora essa lição desiluda uns e desgrade a outros.

Tenhamos a coragem da franqueza e a franqueza d'esta bem facil coragem; a falta d'isto tem sido um dos nossos males.

O titulo que encima este artigo e o que se leve seguirão seria incompleto sem o que fica dito. Não apontarei n'elles simples e unicamente a relação numerica por se exprime o valor e a quantidade das nossas importações e exportações, dizendo de onde vem aquellas e para onde vão estas: procurarei indagar quanto puder e souber o que taes numeros dizem da nossa vida economica presente e o que aconselham para o futuro.

Serão meras notas sobre factos de todos conhecidos, mas que affigura-se me não serem por todos bem apreciados.

Para solver as suas dependencias commerciaes e financeiras nos mercados externos, Portugal só pode contar com a produçãõ continental e colonial e com as remessas que lhe venham dos que foram tentar fortuna em paiz estrangeiro.

Não somos um centro financeiro que possa, por especulações d'esta natureza, atrahir oiro estranho por capitalizações no exterior, quer em emprestimos feitos a outros paizes, quer em empresas fundadas no estrangeiro por capitães portuguezes. Ao contrario d'isto, financiamos, só somos devedores.

Temos um bello clima, ou antes no nosso pequeno paiz temos climas para contentar todos os paladares, e uma natureza que só pode ser um pouco ajudada pela arte para não termos a invejar, sob este ponto de vista, á maioria dos paizes da Europa. Isto, que para muitos d'elles, é fonte de importantes renditas e merece os mais empenhados disvelos, deixámos nos n'um quasi criminoso abandono. Se a nossa posição geographica é por sem duvida commercialmente boa, não podem infelizmente gosar-lhe as vantagens os viajantes opoentos que querem pagar a peso d'oiro bem estar, commodidades, emoções. Temos um paiz esplendido, instituições liberrimas, caracter affavel, mas estamos situados em uma ponta da Europa.

Não nos conhece a opulencia gastadora, ou conhece-nos mal. Os que de nós se occupam não é inteltozmente por forma para nós lionizal-os, pois que não ha pecha que não ajuntem á desoraca de sermos pobres, e nada affugenta quem pede gosos como a idéa de encontrar miserias.

Parce que, empenhados em confirmar isto, se cá dentro rasamos pela licença, nos portos não ha embarcações que não inventemos, ora por mesquinhos receios fiscaes, ora por pueris pavores de contamina-

ções epidemicas: contraproducentes uns, inefficazes outros, por isso mesmo são irritantes para a extrema susceptibilidade dos viajantes.

Poderiamos ainda assim attenuar, talvez mesmo vencer o mal que nos tem feito tanto desucido por uma parte, tão miudos quicidos por outra; mas esbarra-se de encontro a moralidades preconceituosas, só existindo na forma que não na essencia. Recusamos atrahir o estrangeiro por uma das mais dominantes paixões do homem:—a lucta com o acaso. «E explorar o vicio», diz-se: e regularisar um vicio invencivel e, portanto inevitavel, digo eu. Criam-se por conveniencias de momento, ou de logar, restricções á liberdade humana, e esquecendo depois a sua origem historica, arvoram-se em principios absolutos, em dogmas sociaes ou moraes, o que—quantas vezes!—representa apenas expedientes de occasião. O mal é o jogo de azar em si, ou não se *difer* prohibido? Se é o jogo em si, convem indagar qual mais o reprime e lhe attenua os effeitos: se a prohibição inefficaz, se a vigilancia efectiva. No primeiro caso junta-se ao mal do jogo a immoralidade do não cumprimento da lei; no segundo podem a cada momento ser encontrados meios para minorar damos. Entre as loterias consentidas e os outros jogos de azar prohibidos em Portugal pode fazer-se o parallello. Que moralidade tão especiosa!

Pela nossa situação geographica e principalmente pelas condições do nosso porto de Lisboa poderiamos ser mercado de distribuçãõ, se não para avultado numero de especies commerciaes, em compensação para algumas de largo consumo; ou não accetado, porém, assim, ou tem-se dado em reduziissima escala. Não é Portugal tão pouco mercado de liquidaçãõ, nem sequer para o que é d'elle. E isto só por um deploravel equivoco se apparenta util: criam-se creditos, e certo, mas estes existiriam sempre que houvesse valores com que garantil-os. Se a orthodoxia economica afirma que o credito não cria capital, aquelle nunca se estabelece senão á custa d'este. No ambiente abstracto do doutrinarismo economico pode dizer-se que não ha accrescimento de riquezas; no campo restricto da vida pratica as mercadorias, como a moeda, por onde quer que passam, deixam sempre alguma coisa de si.

Tem por isso, para os paizes na situação do nosso, singular importancia a analyse das suas trocas commerciaes. Assim convem considerar separadamente as mercadorias de *consumo* e as de *capitalisaçãõ*, isto é, as que, por serem materias primas ou instrumentos de trabalho, valorizam este.

Ha na nossa vida economica um momento relativamente recente que entendendo devo tomar-se como ponto de reparo. Refiro-me ao periodo de 1890-91: por isso no mappa seguinte resumeo, classificando-o, conforme indiquei, os valores da importação e exportação nos 5 annos anteriores ao periodo considerado e nos 5 annos posteriores ao mesmo periodo. Não me dispensarã isto de opportunamente me referir aos annos de 1897 e 1898.

Anno	Exportação			Importação			De capitalisaçãõ
	Contos de reis			Contos de reis			
	Substancias alimenticias	Outras	Summa	De consumo	Outras	Summa	
1885.....	22 666	13 356	36 022	6 655	32 756	14 014	18 736
1886.....	26 123	16 883	43 006	6 270	37 306	14 420	22 886
1887.....	21 130	11 339	32 469	6 688	37 418	11 977	25 441
1888.....	23 443	12 096	35 539	7 353	38 066	10 151	27 915
1889.....	23 544	12 323	35 867	7 887	41 220	13 323	27 897
1890.....	21 339	10 838	32 177	7 208	44 365	11 851	32 514
1891.....	21 370	11 124	32 494	6 690	43 110	12 100	31 010
1892.....	24 651	13 419	38 070	7 220	30 850	11 200	19 650
1893.....	23 408	11 246	34 654	8 013	31 307	13 243	18 064
1894.....	23 094	9 749	32 843	10 207	33 667	11 386	22 281
1895.....	26 013	11 220	37 233	11 220	39 841	13 317	26 524
1896.....	26 143	10 983	37 126	10 683	39 330	13 023	26 307

Não fiz correctão alguma nos valores de exportação, mas de este mappa e do seguinte já algumas conclusões se podem tirar. Com effeito, os valores das mercadorias de capitalisaçãõ decompõem-se pelo que respecta á importação e com referencia aos ultimos 5 annos considerados em:

Anno	Materias vivas		Materias primas		Fios e tecidos		Machinas	
	Contos de reis	Contos de reis	Contos de reis	Contos de reis	Contos de reis	Contos de reis	Contos de reis	
1892.....	435	19 230	2 847	1 472				
1893.....	1 869	13 661	4 669	1 571				
1894.....	2 071	14 821	4 636	1 444				
1895.....	2 474	16 831	4 974	1 534				
1896.....	2 506	16 020	4 974	1 534				

Vê-se, pois, que n'estes 5 annos a importação de materias primas creceu de 31 % a das machinas elevou-se a 7,56% e, que, com a nossa exportação, não só podemos pagar todos os consumos não directamente productivos, mas ainda uma parte das materias primas. Isto mesmo dando de barato que os valores da importação e exportação

fossem comparáveis; não são. Occupar-me-hei depois de os tornar comparáveis, ao que creio se pode chegar com sufficiente rigor.

Ainda dos mappaes precedentes se conclue que a importação diminuiu de perto de 4.000 contos de réis entre 1831 e 1832 e a exportação augmenta de 4.700 contos de réis, sendo d'estes 3.641 em productos manufacturados, não substancias alimenticias. Foi este augmento sobretudo depois de 1832 e poderia completar-se como equivalendo a um acrescimo do capital da riqueza publica muito proximo de 50.000 contos, se não houvesse correcções de diversas naturezas e com influencias diversas a fazer a estes primeiros resultados do exame em

globo dos numeros referidos. Uma primeira impressao se pode, porem, desde já registrar independentemente de quaesquer rectificações e que resulta do eloquentissimo laconismo dos mesmos numeros. Não é o modo de ser das nossas relações commerciaes que nos prejudica; não proccuremos prejudica-lo. Muito se pode ainda fazer, mas com cautela e discernimento. Não se julguem apparencias realidades; não se criem circumstancias accidentaes, e por isso mesmo transitorias, como normaes e permanentes. Veremos.

F. MATTOZO SANTOS.

Por um triz

(Um episodio das viagens do vapor «Quilmane»)

O VAPOR *Quilmane*, que teve a honra de fazer parte da esquadra nacional e de figurar na lista da armada, era um modesto barquinho de ferro construido em Hamburgo em 1867, destinado ao serviço de carga na costa do cabo da Boa Esperança e, por necessidade, comprado pelo governo geral de Moçambique em 1869, em occasião de apuro.

Não obstante a sua humilde origem, o *Quilmane* preenchia, a todos os respeito, o fim a que era destinado, nos mares sempre dificeis do canal de Moçambique. Era valentemente construido de magnifica chapa; tinha uma machina, fraquinha sim, mas segura e economica, e alojamentos, convenientes e arejados, para a sua tripulação mercante.

Depois de comprado foram-lhe feitos gradualmente e a pouco e pouco todos os melhoramentos necessarios para o converter ou assemelhar a um transporte do Estado, ficando elle depois com uma certa apparencia, pelo menos muito decente, e com todas as commodidades indispensaveis. O pequeno rancho a prôa fôra substituido por ampla coberta com camarotes para os officiaes de prôa, e tendo por baixo todos os necessarios paioes de mantimentos, panno, sobressalentes, etc.; os alojamentos dos passageiros de 2.^a camara foram convenientemente transformados; a mastreação foi acrescentada nos limites do razoavel, contribuindo para dar ao navio maior elegancia e maior superficie de panno; e, para nada faltar, até se achou logar para collocar uma peçita de bronze montada em rodizio, e na antepara do tombadilho, que havia a meio navio, a celebre legenda — *A patria honrae que a patria vos contempla* — feita em letras de cobre sobre fundo de lato.

O grande porão que o navio tinha, e que servia para carga, era depois aproveitado como vasto deposito de carvão, e dava, juntamente com os paioes, para mais de 30 dias de combustivel. Esta circumstancia por si só tornava o *Quilmane* um utilissimo barco, visto como, nas suas demoradas e frequentes viagens aos diversos portos da costa, só podia encontrar carvão em Moçambique.

No que o pobre *Quilmane* nunca primou foi na guarnição, que sempre se lhe regalou com a mais decidida má vontade. Além de um 2.^o tenente da armada, de um machinista de 2.^a classe, de um guardião e dois ou tres marinheiros, de um fogueiro arvorado em ajudante e de 2 chegadores representando de fogueiros, o resto compunha-se de elementos dispartadamente heterogeneos. Havia um piloto mercante, cuja maior virtude não era a sobriedade, e que fazia de immediato; havia soldados brancos e pretos do batalhão de Moçambique, servindo de marinheiros e até de fogueiros; e havia inclusivamente canarios degredados e não degredados: ao todo umas 30 pessoas das mais extravagantes proveniencias.

Com taes dados nada admirará que a navegação fosse sempre trabalhosa e por vezes mesmo cheia de serios cuidados para o commandante, o qual, não tendo muito em quem confiasse, se via obrigado a dormir pouco, e, a maior parte das vezes, em uma cadeira de lona em cima do tombadilho.

Vamos, porem, ao episodio a que nos referimos.

Em 1870 andou o *Quilmane* durante alguns mezes encarreirado entre Moçambique e a ilha de Mayotta, aonde ia por causa das nossas malas da Europa, que até ali nos eram levadas pelo correio francez. Por vezes deixava até a ilha de Mahé, no archipelago das Seychelles. Foi n'uma d'essas viagens que se deu o caso de que nos vamos occupar.

A viagem entre Mayotta e Mahé é sempre difficil por causa dos innumerados baixos e ilhas que se encontram a cada passo. Começando pelos temiveis baixos do *Geyser*, situados a pouca distancia a leste de Mayotta, encontram-se successivamente as ilhas da *Assumpção*, da *Providencia*, *Gloriosas*, de *Neuf* e *Maria Luiza*, *Cosmoledo*, *João da Nova*, o grande archipelago das *Almirantes* ou ilhas do Almirante, e outros perigos maiores e menores de que aqui não fazemos menção.

O que estas ilhas quasi todas tem de peor, é serem muito rasas, pouco vestidas de arvoredo, e portanto pouco visiveis de noite, e além d'isso cercadas de perigosos e extensissimos recifes de coral á flor d'agua, que se estendem por muitas milhas de distancia em varias direcções.

A 3 de julho seguia o *Quilmane* de Mayotta para Mahé. Ao meio dia achava-se na latitude 6.^o, 50' S. e na longitude 51.^o 25' 10" EG. O tempo claro e bom, vento SE. e SSE. por vezes fresco, mar agitado. O navio navegava de bolina a todo o panno e a vapor, deitando as suas 7 a 8 milhas. Para evitar o perigo de se ver envolvido entre as ilhas do Almirante, de que não existem planos detalhados, o commandante resolveu passar ao norte da mais septentrional — a *Africana* — que devia avistar-se talvez ainda ao romper do dia, mas já pela albeta de barlavento.

Ao amanhecer do dia 4 estava á vista, pelo travez de EB. e muito proximo, uma ilhasita rasa com pouco matto e alguns coqueiros. Via-se distinctamente o fundo do mar, e houve algumas sondagens de 10 e mesmo de 7 metros; as vergas estavam cheias de passarada grada, que fazia uma grazinada infernal.

Foi chamado o commandante a toda a pressa para ver confirmada a sua expectativa. O commandante examinou o horizonte todo, e, depois de se certificar de que não havia outras ilhas á vista para o N., concluiu ser aquella com effeito a *Africana* do grupo do Almirante, e soltou o seu rumo para Mahé livre de cuidados. Applaudia-se interiormente pelo bem que tinha navegado.

Ao meio dia observava-se o ponto e reconhece-se que o navio estava muito mais ao S. do que se suppunha. O *Quilmane* tinha passado, sem o saber, entre as ilhas *Africana* e *Daros*, muito proximo d'esta ultima! Quando se reconheceu o engano, isto é, ao meio dia, hora a que já nenhuma das ilhas se avistava pela pópa, ainda o commandante sentia um involuntario calafrio pela rasçada de que, inconscientemente, e com o favor da *Providencia* ou do acaso, se livrou por um triz.

Ao traçar a derrota no mappa ficou ella, não ha duvida, muito bonita e directa e sem o cotovello a que a passagem pelo N. da *Africana* teria obrigado...

A verdade, porém, é que ninguém se deve atrever a repetir tal arrojoso só pena de correr o risco de ficar preso n'um d'esses traiçoeiros recifes de coral. O commandante Parish da corveta ingleza *Cossack*, surta em Mahé, e a quem o commandante do *Quilmane* narrou o caso, reputava um milagre tamanha fortuna.

AUGUSTO DE CASTILHO.

CEGA

(LIBERTY)

(A Agostinho de Figueiredo)

CEGA e tão linda! Na minha rua
Quando ella passa, fico a scismar
Nesses seus olhos cheios de lua,
Como andorinhas que tentam voar...

Seu nome é feito de amor — Maria!
Enche de rosas o coração:
E' mais formosa que a Virgem pia,
Os seus cabellos tocam no chão...

Doce! Se a vissem, logo pensavam
Nas virgens d'esses quadros christãos,
Que os primitivos aureolavam,
— Suspenso um lirio nas finas mãos...

A voz consola como um mysterio
Que os anjos digam a quem amou,
Por noites fundas de luar sidereo,
— Ramo de estrelas que se esfolhou...

Cega e tão linda! Se as suas rezas
Por mim pedissem, errante e exul,
Outras chimeras de novo accessas
Me cercariam num vôo azul!...

JULIO BRANDÃO.



A andar parece-me extasiada,
Estatua viva, que oihando o céu,
Pensa decerto na luz sagrada
Duma ventura que Deus lhe deu...

Pensa de certo n'outras paizagens
De brilho agosto, de ethereo luar,
Onde sorriem lindas imagens,
Como na terra não heis de achar.

Que é que ella escuta? Nos seus ouvidos
Que harpas são essas, que vêm dizer
Que ha mundos novos todos floridos,
Fontes de Sonho para beber?

E em vez de steppes, longos desertos,
Onde se escutam uivos de dôr.
Os olhos d'ella vivem libertos,
Sempre encantados no eterno Amor.

Oh! que de certo são mais doirados
Que os céus d'outono da beira-mar,
Os céus longinquos, illuminados,
Que os olhos mortos hão de avistar!...

O sincêlo na Guarda

Não sei que poder magico me fascina, me enleia, me prende ali.

No dia triste, de hoje, por entre lufadas de vento e cordas de agua, o espirito fixa-se irresistivelmente n'esses quadros do passado, recordando-me o cair das mais rijas inverniaes que tenho visto. A furia do vendaval está fustigando os vidros das minhas janellas e com elles me vibram de saudades as fibras da alma, pela cidade distante, por amigos que desejo sempre ter bem perto, pelo tempo ido.

Vejo ainda um labyrintho de montanhas, despenhadeiros sem fim, e, pelas altas cumiadas, pelos valles, n'um horizonte vastissimo, com o soprar do nordeste agitando-se, n'um redemoinhar satânico, a copa dos arvoredos.

Sinto esse ar glacial, penetrante, e penso no que de dezembro disse na lyra de ouro o grande Castilho.

Inverno! inferno! como pude eu ir reconhecer n'aquellas paragens, no meio de penhascos a cavalleiro de precipícios, a tua imponente magestade?

Solta o vento os seus canticos, a nevoa afila as compridas linguas pelas angustias das ravinas e com as suas columnas de assalto trepa pelas ingremes ladeiras da serra.

Os valles, ha pouco ridentos, vão desaparecendo: aqui a prateada facha do Mondego, por detraz da serra a do Zezere, mais ao longe a do Côa; depois as francas das arvoredos, as agulhas dos campanarios, as cristas dos contrafortes inferiores.

E a nevoa a subir! e o nordeste a cortar!

Os cumes dos grandes montes já parecem ilhas dispersas n'um oceano phantastico.

Emergirá a terra do seio dos abyssos, como Venus das ondas, palpitante do titanico esforço? ou, descendo gradualmente para o imo de immenso vortice, os mares avançam para a tragar?

Some-se o Jarmello e lá fica sulpulada a patria de Alvaro Gonçalves, assassino de D. Inez de Castro — a terra dos dois irmãos gigantes de que reza a lenda, ambos ferreiros, occupando cada um o seu monte e servindo se do mesmo malho.

Já muito antes o castello do Sabugal, cujas poeticas ruinas revestidas de hera inspiraram um canto do 'D. Jayme, se tinha perdido de vista.

Cabe a vez á Morofá e nem lhe valem os bizzaros afloramentos de schisto apezar do seu aspecto de muralhas.

Perdem-se logo a seguir as cristas nevadas do Marão e só a Estrella em terra portugueza se mantem sobranceira á onda invasora sempre crescente. Pelo territorio hespanhol apenas a grande cordilheira desafia dos altissimos pincares a tormenta.

Por fim desaparecem as côres do céu e a escassa luz do sol, e a cerração completa envolve-nos, penetrando nos até á medulla dos ossos.

O sincêlo n'uma atmosphera frigidissima, saturada de humidade, começa a depôr crystaes sobre tudo o que é batido pelo vento. Ao que a neve poupa, depositando-se unicamente sobre a parte superior dos objectos, não perdôa elle. Polvilha os cabellos dos transeuntes, produzindo cômas por nenhum poeta sonhadas; doideja pelas barbas; vae aos fios telegraphicos, avoluma-os, distende-os, puxa e repuxa até atirar com elles e os postes ao chão.

O freixo, o carvalho, o castanheiro, os mais bellos exemplares da flora da Beira, vergados ao peso actuando do lado do vento, deixam cair penadões.

A humidade e o frio produzem um indizível supplicio, a neve endurecida por muitas geadas torna-se gelo, duro de pedra e escorregadio como vidro.

Os candieiros da illuminação publica, subrepujados por grandes pyramides, lembram sorvetes, pelas vidraças veem-se nas crystallisações esquisitos arabescos, corta-se o azeite á faca e aquece-se a agua para beber, na crista de gelo dos tanques custa a entrar o aco, pendem stalactites dos beirões, quasi que sentimos gelar o sangue nas veias e a palavra mal pode sair dos labios.

Inverno! inferno! quem poderá esquecer-se de ti?

L. F. MARREAS FERREIRA.



A vender... saúdo—Azurira.

O FUNERAL DO CARDEAL-BISPO



Cardenal D. Americo



O PORTO

CIDADE caracteristica, cidade privilegiada, em que tudo se reune para tornal-a ao mesmo tempo grande pelo trabalho, bella pela paizagem, admiravel pelo passado historico. Como nenhuma outra terra do reino, lutou outr'ora pela implantaçao da liberdade, e luta hoje pelas franquias populares. Se o nome da patria se invoca e é preciso defendel-o da cubija estranha, ou da aggressao violenta, os filhos d'essa nobre cidade, confiada á guarda e ao amor da Virgem, tornam-se leões, convertem-se em heroes, e, conquistada a paz, voltam serenamente ao seu trabalho, continuam, com a consciencia de um dever que se cumpre, a taina interrompida.

O Porto é isto: poz na sua divisa a Liberdade e o Trabalho, e, na grande batalha da vida, nunca deixou de ter por armas as qualidades civicas que fatalmente dão a victoria. Se os muros da sua velha Sé ainda lembram essas luctas medievas de uma sociedade em organisação, a Serra do Pilar está cheia tambem de recordações de uma epoca recente em que outras luctas se feriram por outros principios e por outro ideal.

A par de tantas virtudes, de tão altas qualidades de raça, o Porto tem artistas, como Soares dos Reis e Teixeira Lopes, poetas como Guilherme Braga, romancistas como Julio Diniz, benemeritos como o conde de Ferreira, monumentos de arte moderna, como a Bolsa, e de trabalho gigante, como Leixões, edificios como o Palacio de Crystal e o Atheneu, instituções publicas, como a misericordia e o hospital de alienados, armazens collossaes como os de Villa Nova de Gaya, e tantas outras manifestações da sua grandeza, quer intellectual quer material, quer passada quer presente.

E, como se tudo isso não bastasse, ahí está esse panorama esplendido a mostrar que o Porto é uma das cidades europeas mais favorecidas pela natureza, decorada pela sua paizagem ridente e luxuriante, banhada por esse Douro tão util ao commercio, e á vista tão attraente e pittoresco, e senhorilmente reclinada na sua margem direita, em frente de Villa Nova de Gaya, que todas as madrugadas vem á cordal-a com o ruido das suas fabricas e o movimento dos seus armazens de vinhos.

O FUNERAL DO CARDEAL-BISPO

Nos pequenos cinco quadros que o *Brasil-Portugal* apresenta n'esta pagina vê-se desfilal o cortejo funebre que acompanhou, desde o Paço Episcopal — que no panorama do Porto tão nitidamente se destaca, ao longe, no plano alto da cidade — até á sua derradeira jazida, o cadaver d'aquelle que em vida se chamou D. Americo. N'esse dia toda a população da laboriosa cidade se curvou reverente deante do cadaver d'esse homem, cuja figura bondosa e suave os nossos leitores podem contemplar. A vida do cardeal foi um exemplo, as suas virtudes honraram a Egreja, a sua morte comoveu o paiz, e o seu funeral foi uma apothese.



Passagem do cortejo



Passagem do cortejo



Ultimas horas funebres



Saída do cortejo funebre



Saída do cortejo

A Borracha ou Gomma-elastica

II

No artigo que escrevi, sob este mesmo título, occupei-me da classificação das diferentes especies do genero *Hevea* existentes no valle amazonico e das quaes é extrahida a substancia conhecida pelos nomes que encimam este escripto. Tratarei agora da industria que occupa tantos braços no Pará e Amazonas — a extracção da borracha.

Pode dizer-se que as arvores da borracha, conhecidas pelo nome de *seringueiras*, se acham espalhadas por todo o valle, mas em maior abundancia nas varzeas — terrenos geralmente frescos e invadidos pelas aguas do grande rio e dos seus afluentes em suas enchentes periodicas que duram mais ou menos seis mezes. É portanto facil de deduzir que é na epoca da vasante que se faz a extracção da seiva.

A seringueira não entra no numero das grandes arvores brasileiras: a sua altura nunca attinge 20 metros e a grossura média, em seu completo desenvolvimento, raras vezes excede o diametro de 0,40 centimetros.

As sementes que dá em profusão são do tamanho de pequenas nozes cobertas por uma pellicula de cor cinzenta salpicada de manchas escuras. Essas sementes germinam rapidamente sob a influencia do calor e da humidade. Esta facilidade de germinação torna bastante difficil o transporte para outras regiões.

A Inglaterra, que tanto tem procurado acclimar este precioso vegetal nas suas possessões, e especialmente na India, pouco tem conseguido em relação ao esforço empregado, pois até mandou o primeiro jardineiro de Kiev ao Pará. Esse homem levou 4 ou 5 mil pequenas plantas e mais de cem mil sementes, sendo a percentagem utilizada muito pequena; contudo já appareceram nos mercados algumas toneladas de borracha obtida das plantas e sementes idas do Pará.

Nos Estados do Pará e do Amazonas encontram-se grandes extensões de terreno em que abundavam as seringueiras, e os seringueiros (nome pelo qual são designados os que se empregam n'esta industria) ha 40 ou 50 annos utilisavam-se d'estes seringaes sem os comprar ou haver por qualquer forma legal. Mais tarde, porém, a lei das terras publicas, que regularizou a posse dos terrenos do Estado

e principalmente o preço elevado a que chegou este producto (que se vendia a 105000 réis os 15 kilogrammas ha 30 annos e que hoje se vende a 10 e 125000 réis um só kilogramma) valorizou esses terrenos. Ainda um outro resultado benéfico trouxe a lei das terras — a alta de preço. Os seringueiros que não eram donos dos terrenos, pouco cuidavam da conservação das arvores, e, para obter maior quantidade de borracha sangravam-as brutalmente junto ao solo com um arrocho feito de cipó ou de arame grosso. Intervieram então os governos dos dois Estados promulgando leis e impondo penas aos que empregavam o arrocho, mas essas leis pouco resultado deram.

O abuso continuou e não poucos jornaes e livros predisseram a prompta diminuição da producção da borracha. A America do Norte ordenou que os seus consules fornecessem todos os dados e informações sobre o commercio da borracha, tão importante nos Estados-Unidos da America, e recordo-me de que o consul americano no Pará, J. Orton Kerbey, em um extenso relatório, manifestava o receio de ruina proxima para a industria da gomma elastica em face da maneira brutal por que eram tratados os seringaes. Este receio, porém, era infundado. O Amazonas é providente: em sua enchente periodica e annual, alastrando por todo o enorme valle de 20 a 27 legoas de largura e de uma extensão de não menos de 3:165 kilometros, só em territorio brasileiro, arrasta consigo as sementes que ainda não germinaram e dissemina-as pelos terrenos humidos nos quaes a acção geradora do sol, quando o rio baixa, faz brotar novas plantas. Assim vela o grande Amazonas pela conservação de uma das suas maiores riquezas, o Amazonas, o prodigo sementeiro d'aquelles terrenos productivos.

Cada arvore de borracha é avaliada hoje em 245000 réis, moeda brasileira.

O fabrico da borracha é simples. Os donos dos seringaes, como cada homem só pode tratar de um numero limitado de arvores, devidem o seringal em *caminhos de borrachas*, dando este nome de *caminho* a cada cento e vinte e cinco arvores, em media. As arvores sangram-se por meio de incisões que não devem ser muito fundas, isto é, não devem passar além

da camada em que está o tecido vascular, ponto em que se acham os vasos lactificiferos.

A seiva é recebida em pequenas tigelas de barro, ou como actualmente usam, em pequenas latas que se suspendem, junto das incisões.

A segunda parte do fabrico é a coagulação da seiva. Antigamente dava-se-lhe a forma de um sapato. Usava-se então de um fogão especial de barro, tendo a forma de um cone truncado, quasi junto ao vertice, feito de barro, e cujas paredes tinham um decimetro de espessura. Este fogão assentava com a sua base mais larga no chão, tendo em baixo uma abertura de 10 centimetros de altura sobre 8 de largura. Era dentro d'estes fogões que accendiam cocos da palmeira *urucury*, que produzem, como se sabe, grandes rolos de fumo.

O fumo serve para ultimar esta operação simples. O seringueiro limita-se a mergulhar no leite a forma e a expô-la ao fumo, até que a espessura da pelle da borracha seja de um decimetro. Corta-a então e o producto fica nas condições de ser lançado nos mercados.

Modernamente as formas teem uma forma mais regular, ou quadrangular ou circular, o que facilita a operação. Os fogões modernos tambem tem sido muito melhorados: passaram a ser feitos de folha de ferro, para se aproveitar melhor o fumo.

Outros processos têm sido apresentados para obter a coagulação do leite sem a intervenção do fumo e do fogão. Assim é que se mistura com o leite uma certa porção de solução de sulfato de aluminio, ou de chloreto de sodium, ou de acido sulfurico muito diluido, o que facilita a coagulação. Mas nos mercados tem preferencia a borracha preparada pelo sistema antigo, em que é empregado o fumo.

A borracha é classificada pelos seringueiros em tres categorias: fina, entre-fina (conforme ella é fabricada com leite mais ou menos puro, e com mais cuidado na defumação) e *Senamby*; esta é a que se aproveita da seiva que coagula ao longo dos troncos, ou que cae das pequenas tigelas.

Lisboa, Fevereiro — 1893.

BARÃO DE MARAJÓ.



Salgado d'Araujo — José Antonio dos Santos

UMA das mais importantes, das mais serias, e das mais acreditadas casas de Lisboa, que largamente tem espalhado, no Brasil e na Africa, o seu nome e as suas transacções, é a que gira sob a firma

Salgado d'Araujo & Santos. O publico para quem escrevemos conhece bem os nomes d'estes dois illustres negociantes.

Salgado d'Araujo é conhecido no mundo commercial por superiores qualidades de espirito e de caracter que se apuraram nas labutações de uma vida activissima, no estudo dos povos e das civilizações da Europa, que tem visitado, e até no mundo da politica, por onde passou como deputado da nação.

Associado hoje com um amigo intimo, José Antonio dos Santos, que em 1887 chamou para gerente da sua casa, a qual estabelecera em

1881, o rapido desenvolvimento que ella adquiriu bem mostra que a vida commercial não é, como a vida politica, uma lucta, mas antes um consorcio de interesses em que cada correspondente se torna um amigo, quando a seriedade é a norma de todos os actos.

E, pois, em grande parte, devida ás excepçoes facultadas de trabalho de Salgado d'Araujo a prosperidade d'esta casa. É ella a que mais vastos negocios tem com o Pará e Maranhão, que hoje está representada no Porto, por uma sucursal a cargo do interessado, o sr. Henrique Coimbra, e que procura cada vez mais desenvolver as suas transacções com a Africa, especialmente com o Ambriz, havendo para esse fim associado o sr. José da Cruz Ramalheira a uma secção especial.

Tantos elementos combinados, tendo por divisa a honradez, tem dado o exito felicissimo, que folgamos em registar aqui.



Salgado d'Araujo



José Antonio dos Santos

THEATROS

S. CARLOS

COMEGAREMOS por fazer hoje registo áparte do theatro de S. Carlos. No que não faremos, de resto, senão proceder de harmonia com o logar áparte tambem, a invejavel situação, perfeitamente privilegiada, que o theatro lyrico destructo no nosso meio social. Não vemos este poder especificado na Carta; no emtanto, parece que o facto de ser este theatro o de preferencia frequentado pelo Rei e a corte, he transmittido um tanto ou quanto da sua inviolabilidade. Para cumulo de isenção e favoritismo, — vejamos, — até nem agora o attinge essa pavorosa reorganisação do imposto do sello, com o sr. ministro da fazenda se propoz arrancar mais 400 contos ás necessidades e gosos do contribuinte.

Ante a implacavel ameaça de tributação dos diferentes logares do theatro, logo á uma clamaram as varias categorias de assignantes: *Parce!* e o sr. Espregueira teve de se submeter e isentou-os... O

certo é que a temporada lyrica tem decorrido com uma animação muito apreciavel, e o publico vai enchendo sempre o theatro em torrações successivas. O que faz com que hoje entre nós, abaixo d'uma aposentadoria na administração geral das alfandegas, o logar mais flamejante e rendoso seja o de emprezario de S. Carlos.

Tivemos já duas operas novas, ambas de Massenet, — *Werther* e *Sapho*. Dois assumptos bebidos no que de mais humanamente empolgante se conta na litteratura moderna. Ambas agradaram, com especialidade a primeira, pela fina escolha, subtilidade e leveza dos muitos motivos melódicos que a marchetam com opulencia, e pelo modo superior como a technia da orchestração é cuidada. A segunda, menos rica em effeitos, menos estudada na orchestra, recommenda-se pelo quente sópro sensual, o voluptuoso embalo que a anima, subjugando-nos a vontade porque nos ensopa os nervos, e pela delicada poesia d'essa encantadora canção *provençal*, no 2.º acto, cujos compassos característicos subtilmente fluem, como um philtro magico, através a *tessitura* passional de toda a opera.

Quanto ao desempenho, merece especialisação, no *Werther*, o soberbo *trio* de Savelli (soprano), Berliendi (contralto) e Giraud (tenor), que deram um conjunto magnifico, tanto em arte de canto como em sciencia de representar; e, na *Sapho*, a incomparavel Tetraxini, e ainda o mesmo tenor Giraud. Das operas conhecidas, seguiriam tambem salientar-se pelo desempenho: a *Bahème*, a que Savelli e Giraud imprimiram um sentimento, um calor e uma *allure hors ligne*; e o *Lohengrin*, cantado por Savelli, Berliendi e l'bos, um extraordinario tenor que veio a S. Carlos unicamente para cantar esta opera.

Lucinda Simões

Nos demais theatros, poucas novidades. D. Maria continuou em scena com a *Noite de Natal*, que teve, no dia 9, a sua recita de homenagem aos auctores. No theatro D. Amelia, a doença do actor Augusto Rosa obrigou a suspender temporariamente as representações do drama de Julio Dantas, e a pôr já em scena essa desopilante e subtilissima comedia de Bisson, *Le contrôleur des wagons lits*, — verdadeira obra prima d'um genero de que só o genio galez tem o segredo, e que pelo seu estrodozoso exito promete ficar como sendo o *clou* da temporada. A Trindade voltou a explorar com fortuna o eterno e sempre moço *Tim tim*. Na Rua dos Condes, emquanto na revista do anno findo se dão os ultimos toques, veio dar alguns espectaculos uma pequena companhia de occasiao, dirigida pela actriz Lucinda Simões.

Está hoje reduzida a isto, entre nós, a portentosa artista que tão bem todos vós conheceis... Não tem escriptura, não tem theatro seu, não tem a minima garantia de estabilidade ou melhoria no futuro. Vê-se hoje obrigada, — ella! tão desdenhosa e tão altiva... ella! que dispz ali entre nós d'um culto e d'um prestigio como ainda nenhuma outra actriz, depois d'Emilia das Neves, — vê-se obrigada a mendigar theatros de emprestimo, como o mais insignificante amador.

Onde a explicação do phenomeno? Entraria já por acaso a gloriosa interprete do *Demi-monde* em plena decadencia? — De modo nenhum. Porque será então? Simples *enguigo*? Malquerenças, invejas?... De tudo isso um pouco; e, acima de tudo, a linha intransigente e aspera do seu temperamento; a sua inabalavel preoccupação em ser, em tudo e sempre, artista. E' o proprio exclusivismo, a violencia ardente da sua fé que a prejudica. Não alcança as victorias faceis dos mediocres, porque timbra em pôr sempre, acima de todas as considerações e de todos os interesses, a celebração, illuminada e limpa, do seu sacrosanto mysterio.

Agora estou eu saudosamente visionando a estonteadora impressão de surpresa e de pasmo que a extraordinaria actriz accendeu no meu espirito, da primeira vez que a vi representar. Foi no Principe Real, — era eu estudante, — uma noite. Duva-se, com uma casa á cunha, *O Marquez de la Seiglière*, essa corça primacial de João Anastacio Rosa, o nosso grande e estremeado actor. Lucinda, á *ingenua*, tinha na peça uma scena de amor com João Rosa, o correctissimo artista, em tantos respeitos brilhante e seguro continuador das glorias de seu pae. E eu estou a vê-la, em pé á ponta de scena, confrangida e modesta, quasi immovel, branca, de puro enleio hypnotizada e captiva na ardente melopoea que do lado lhe segredava o *galan*.

Como ella escutava bem! com que virginal recato, com que tímida avidéz, com que frescura, que mimo! A cichoante exultação do sentimento, a intensa vibração interior que a descreveria, mal a podiamos vêr, tinhamos que adivinhá-la, — tão fugidia e discretamente nos era ella dada na cavida abstenção da tímida figura... Apenas uma tenue carphologia tremendo-lhe nos dedos, as palpebras languidas, veladas, os labios presos, e pareziado o rosto n'uma undação celeste de volupia, n'uma extatica embriaguez de sonho e de vertigem.

Como tudo isto era simples, natural, verdadeiro, humano! como

andava longe do convencionalismo, ainda hoje corrente para situações analogas, do obscuro arfar dos dedos, dos olhos em branco, do arrastar do tácio no tapete, do punho fechado esmurçando o peito! — Aquelle novo geito, sobrio e honesto, de dar uma *ingenua*, foi para mim uma revelação. Deu-me, — assim como a morte de Pezanza, na *Dama das Camélias*, — a primeira visão accentuada e nitida da realidade, tal como eu vagamente a imaginava e buscava ha muito, nas inquietas sombras do meu cerebro. E desde então eu fiquei votando á extraordinaria actriz um fundente e grato sentimento, mixto de ternura e de prazer, de adoração e entusiasmo. Desde então eu comprehendí a enorme fascinação que ella exerce no publico, o seu indestronavel prestigio, a esthesial influencia do seu nome, tão discutido e tão dominador, e a mordente e auroral impressão, de realza e de sphinge, que vivamente recumbra da elegancia nervosa do seu busto e da leonina altivez do seu olhar.

Lucinda Simões é, alem d'uma artista superior, uma mulher intelligentissima. D'ahi a sua qualidade emocional dominante; á absoluta perfeição na linha psychica e plastica dos seus estudos, — uma crystallina comprehensão do personagem e um inexcedivel poder de realisação.

Não obstante, d'esta vez o publico não se deu grande pressa em ir admirar e a applaudir. Casas escassas assistiram á exhibição do *Demi-monde*, *Lenço branco*, *Georgette*, *Therese Raquin*. Não admira... como estamos em plena quadra de regabofe, reserva-se patuicamente o publico para os aphrodisismos e pilherias de tabella, que brevemente no mesmo theatro vac servir-lhe a revista *Aglhas e afinetes*.

"O flor de laranjeira"



EDUARDO SCHWALBACH

D'essa revista é auctor Eduardo Schwalbach, o mesmo vivo e scintillante espirito que, ha annos, nos deu em D. Maria uns adoraveis traços de observação social, na sua deliciosa peça *O Intimo*; o mesmo que agora, para beneficio de Beatriz Rente, fez representar, no Gymnasio, *O flor de laranjeira*.

Schwalbach tem indubitavelmente uma decidida vocação para o theatro. Architecta bem, dialoga com sobriedade e vigor, objectiva com briho; é rapido, gamiu, mordaz, alegre. A sua graça é espumosa e leve como um vinho generoso. Tendo assimilado alguns dos mais es-

suas aspectos da veia comica de Gervasio Lobato, — de quem era intimo amigo, — na sua arte Schwalbach representa comtudo, sobre a do auctor do *Commissario de policia*, um progresso, e leva-lhe consideravel vantagem, porque se não cifra nos trocadilhos, não se limita a tirar effeitos do simples jogo das palavras... antes nas suas desarticuladas chocarrices pouca não raro um fundo real de observação.

Entretanto, quer-nos parecer que, n'este seu ultimo trabalho, o director do nosso Conservatorio de arte dramatica foi menos feliz. A embriaguez do grotesco atraçou-o. Tanto engrossou os traços, que fez da caricatura um borrão. A força de querer ser caustico, tornou-se insupportavel... Embora venha explicar-nos que o *Flór de laranjeira* não é mais do que uma *charge* a um drama paradoxal de Bjornson, nem essa mesma circumstancia lhe attenua a falta de graça nativa, o abuso de simulação de farça, a apresentação de figuras estafadas, o recurso numerozo á pantomima. A *pochade* não exclue a arte, tem tambem a sua medida. E para pôr em relêvo á ridicula inandade, no presente estado social, que seria essa pretensão de exigir pureza igual ao noivo e á noiva, no acto do casamento, não havia precisão nenhuma d'aquelle desconchavado 2.º acto, cujas ultimas scenas, pela precipitação e pelo exaggero, são verdadeiramente intoleraveis.

Quanto á apreciação da peça, estamos pois do lado dos que não sympathisaram com ella. Mas já não estamos de accordo com essa mesma critica, quando esta nos vem, muito indignada, lamentar que no desempenho sacrificassem Taborda, distribuindo-lhe o papel d'aquelle *innocente* com 52 annos, que brinca com arcos e salta como as creanças. E não estamos, porque, pensando bem, não veremos que durante o melhor, durante o maior tempo da sua gloriosa carreira, Taborda afinal não fez, não teve occasião de fazer papeis melhores. Se entramos

n'este caminho, — por amor de Deus! — então havemos de concordar em que o insigne actor foi constantemente um sacrificado. Com effeito, tirante o *Medico á força* e *Os medicos*, áparte uma ou outra peça de mais forte envergadura, que o *elan* proprio do seu genio lhe fazia de sua iniciativa escolher, nós vemos a extraordinaria figura artistica de Taborda quasi exclusivamente subalternada, achincalhada sempre em futilidades, boboseiras, como o *José do Capote* e o *Tio Matheus*, — depressivas producções theatras cuja viabilidade, cujo agrado, só realmente a milagres de talento se poderia assegurar. Mas era o que lhe davam!

E mesmo n'esse tempo similhante phenomeno não acontecia só com Taborda. E' até curioso... Florescia ali então uma admiravel, uma pujante e alada pleiade de artistas dramaticos, — quem nol'os déra agora! — reauzidos em regra a esterilizar-se dando vida ás canbêstras producções dos Biesters, dos Midosos, dos Annayas; e hoje que a nossa litteratura dramatica progrediu enormemente, e algumas obras vão apparecendo bem dignas da evidenciação dos melhores actores, é á craveira d'estes que tem diminuido por um modo assustador.

Deixem pois á vontade o bom Taborda representar com carinho o virginal *Emilio*. — Elle mesmo gosta, diverte-se... Pois se tem em cada noite de spectaculo a saborosa illusão de se julgar remocao uns bons trinta annos!

"A pera de Satanaz"

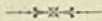


EDUARDO GARRIDO

Ao cabo de dois longos mezes de ensaios, montagem de scenario, machinismos, factura de guarda-roupa, — e com o réclamo picante do rapto da Rentini, — subiu finalmente á scena no theatro Avenida esta antiga magica, uma das primeiras producções de Eduardo Garrido, o mais espirituoso, o mais fecundo, o mais parisiense, o mais bohemio dos nossos escriptores theatras.

A magica está montada com raro brilho e opulencia; e, se o desempenho não ajuda, se aquelle genero de graça é já insufficiente para as exigencias actuaes do espirito publico, todavia, como uma boa parte dos episodios vai ali á conta do maravilhoso, e no deslumbramento da figuração e scenario ha uma regalada attração para os olhos, — segue-se que *A pera de Satanaz*, não havendo perdido com os annos as suas mirificas qualidades de *talisman*, noite a noite acarreta farta concوريا ao theatro.

ABEL BOTELHO.



Só ha uma felicidade — o dever.

Só ha uma consolação — o trabalho.

Só ha um goso — o bello.

A pureza é como a opala: não fazem caso d'ella os que não distinguem o seu esplendor.

As mulheres que se occupam de politica são gallinhas que se fazem abutres.

E' mais essencial para um poeta ser verdadeiro no sentimento do que na invenção.

RAINHA DA ROUMANIA.

A esperança é o sonho do homem acordado.

A vida é demasiado curta, mas demasiado grande para as coisas inuteis que se dizem.

SCLAFFER.

BRASIL—PORTUGAL

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Impressão no typ. da Comp. Nacional Editora
Largo do Côcoas Rêgo, 30Editor — LUIZ AVIGNON SANCHEZ
Redac. e adm. — R. FRENZ, 54 — LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL		ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO	
Anno.....	45\$000	Anno.....	7\$000	Anno.....	8\$000
Numero avulso (moeda brasileira).....	2\$500	6 meses.....	4\$000	6 meses.....	4\$500
		3 meses.....	2\$000	Numero avulso.....	5\$000
		Numero avulso.....	5\$000		

SUMMARIO

Chronica Electrica — BRASIL-PORTUGAL.
No allo do Corcovado.
A Varanda do Club — MOCCA CARRAL.
Umbo amor — GERMARCK DAMA.
O Condiçionario de Izarret.
-Espirito gentis — JAYNE VICTOR.
Carta de Paris — SILVA LISONA.
Barba de Marujá.
-O Filho — LUIZ GUTERRES.
D-O Pastor Portuguez — FRANCISCO RODRIGUES LOPES.
Relações commerciaes de Portugal — F. MATTHEO SANCHEZ.
Por um trip — AUGUSTO DE CASTILHA.
O sinicão na Guizard — MANUELLAS FERREIRA.
-Cegras — JUIJO BRANDÃO.
O Porto.
O funeral do Cardinal Bispo.
A Soteria ou gamma clãstica — BARÃO DA MARANHÃO.
Salgado d'Araujo e João Antonio dos Santos.
Theatros — ANSELMO D'ANDRADE.
Pseudonymo.

Paginas supplementares

O n.º 3 do Brasil-Portugal.
A politica financeira — LUIZ CARDOZO.
O Brasil-Portugal e a opinião da imprensa.
Arte de ser formosa.
Sociedade facil.
Hora de ocio — ANSELMO D'ANDRADE.
Anecdotas.

24 ILLUSTRAÇÕES



O n.º 3 do «Brasil-Portugal»

Não prometemos senão o que temos a certeza de cumprir. E' prova d'isto o presente numero.

No seguinte, que apparecerá no dia 1 de março, inauguraremos a secção consagrada a salões, ateliers, aposentos artisticos e gabinetes de trabalho, com os

Aposentos de S. M. El-Rei

n'uma esplendida reprodução por meio da photographia.

A gentil acquiescencia de Sua Magestade deve o Brasil-Portugal a subida honra de dar nas suas paginas os regios aposentos do Paço das Necessidades, nos quaes se accumulam maravilhas de arte e de bom gosto.

Sairá então o primeiro artigo da serie que sob o titulo Questões actuaes vai publicar o

Dr. Anselmo d'Andrade,

de quem já falamos no primeiro numero, e cujo nome tão grande realce vem dar a esta illustração.

Tinop

o brilhante escriptor que com este pseudonymo, em artigos sensacionaes e n'um livro recente, se affirmou na observação e no es-

tudo das coisas do passado, encetará a sua collaboraçao com uma serie de artigos sobre as antigas touradas portuguezas.

Sob o titulo generico de Instituições portuguezas no Brasil, começaremos a publicar tambem, do n.º 3 em diante, artigos firmados pelo sr.

Visconde de Faro e Oliveira

que todos os portuguezes teem obrigação de conhecer pelos servicos relevantes que presta na capital do Brasil aos estabelecimentos portuguezes de instrucção e beneficencia, e principalmente no Lycee Litterario Portuguez. Ao sr. conde do Alto Mearim, ao sr. visconde de Faro e Oliveira, e a outros benemeritos da nossa importante colonia, deve essa alta instituição portugueza no Rio de Janeiro a grandeza e o prestigio que em todo o Brasil a recommendam como um exemplo a portuguezes do que pode a vontade, o desinteresse e o patriotismo.

Como não é, porém, nosso intuito fazer hoje o programma completo do numero immediato a este, ficamos por aqui. Não queremos por ponto, ainda assim, sem agradecermos ao sr. conde do Alto Mearim a penhorante bizzaria com que poz á disposiçao do Brasil-Portugal as suas incomparaveis collecções de vistas photographicas de todo o Brasil, que iremos dando pelos numeros adiante, e que hão de mais tarde constituir uma galeria preciosa.

Ao sr.

Dr. May Figueira

é justo que penhoramos agradeçamos o offerecimento que nos fez de pôr tambem ao nosso dispor as suas admiraveis photographias, principalmente Kodacks, que vamos reproduzir e publicar e que lhe teem feito a reputaçao de um emerito e fino cultor d'essa arte.

—x—

A quinzena financeira

Eis um titulo capaz de afagar os leitores d'esta revista. Desde já asseguramos que não vamos aqui elaborar um tratado sobre finanças, mas sim relatar muito succintamente os factos mais salientes do mundo financeiro e os acontecimentos mais preponderantes da situação dos mercados monetarios durante a quinzena, que possam interessar aos que nos leem.

Para bem corresponder ao seu titulo, esta publicação não podia deixar de dedicar algumas linhas a todos os ramos da actividade humana nas suas multiphas manifestações. e por isso, os illustres directores do Brasil-Portugal,

a dois dos quaes ha largos annos nos ligam estreitos laços de amizade e de camaradagem, se lembraram do nosso nome.

Dadas as razões por que nos contamos no numero dos collaboradores d'esta revista, não eboçamos programma para estes pequenos artigos, porque nada ha mais contingente, nada ha mais sujeito a surpresas e cambiantes do que as fluctuações e as diversas posições que, de um momento para o outro, nos apresenta o mercado economico e financeiro.

Em todos os numeros nos referiremos á situação geral, e em especial ao que diga respeito a Portugal e ao Brasil, consoante a índole d'esta publicação, e como o seu titulo indica.

A situação geral dos principaes mercados europeus nada apresentou de anormal n'estas ultimas semanas. A baixa do desconto do Banco de Inglaterra para 3%, teve a sua natural influencia no curso das transacções que immediatamente se resentiram n'um sentido optimista.

O mercado de Paris esteve durante a quinzena bastante convulsionado e deixou-se a rastar pela effervescencia das outras praças financeiras, provando mais uma vez que os exemplos perigosos são sempre os mais contagiosos.

As transacções sobre fundos brazileiros mantiveram sempre maior ou menor animação, apesar de o cambio, no Rio de Janeiro, se ter conservado pouco mais ou menos estacionario; entretanto, é forçoso assignallar que os primeiros actos do dr. Campos Salles, novo presidente da Republica, teem produzido a melhor impressao, e d'isso não prova evidente as boas disposições, não só do mercado de Paris, mas tambem do de Londres, acerca das finanças brazileiras. O orçamento para 1899, provisoriamente livre do encargo da divida externa, apresenta um excedente nas receitas de 2 1/2 milhões de libras. O parlamento brazileiro acaba de votar uma autorisação que permite ao governo vender ou arrendar, sem adjudicação, os caminhos de ferro da Republica, empregando o seu producto á reorganisação financeira. A quantia proveniente d'esta alienação é destinada primeiro para reembolsar o que resta dos bonds do Tesouro, 1899, tomados pela casa Rotschild, e depois para retirar da circulação uma parte do papel em giro.

Esta medida do governo, que o parlamento sancionou, é das que mais directamente teem influído na boa disposiçao dos mercados europeus a respeito dos fundos brazileiros, e por isso, d'ells aqui fizemos especial menção, pois os capitães, que se acham empregados em valores do Brasil, estão sollicitamente attentos ao cumprimento do programma do dr. Campos Salles, apresentado na sua recente viagem ao velho continente e que, até hoje, não tem sido desmentido.

As ultimas cotações dos fundos brazileiros são: o 4%, 63 1/2 francos; 5%, 1805, 71 1/2 fr.; Minas, 5%, 08 1/2 fr. e o Funding 5%, 91 1/2 fr.

Depois de uma certa estabilidade do nosso mercado cambial, n'estes ultimos dias os cambios tiveram desvios importantes, sem razão plausivel que os justifique, a não ser a tensao

que lhes imprimiu certo estabelecimento bancario, fundando-se na tão decantada fé fatal da oferta e da procura.

Efectivamente, n'esta quinzena, tem apparecido muito pouco papel no mercado, e do Brasil, os paquetes não tem fornecido grande abundancia, tendo sido muito limitadas as remessas, o que em parte é justificado pelo estado deprimente em que o cambio Rio Londres se tem mantido.

Foitas as liquidações do fim do anno, e tendo sido insignificantes as do fim de Janeiro, é natural que muito em breve comecem as necessidades; entretanto, a marcha que se tem notado nos negocios e o curso que as transacções tem tomado não justificam tão subita baixa e com tão grande desvio.

Os mercados, tanto o commercial como o financeiro, tem-se resentido da indecisão que os horizontes apresentam acerca da questão do convenio com os credores externos, e as explicações que o governo deu nas camaras sobre este gravissimo assumpto não foram de molde a tranquilisar os espiritos, antes pelo contrario a tibeza das respostas parece que alguma coisa pretende occorrer.

Não cabe na indole d'esta revista discutir as questões financeiras e por isso nos absteemos de entrar em considerações sobre o assumpto; todavia, não podemos deixar de claramente accentuar que o estado actual das negociações com os credores é muito mais grave do que ha uma meza, e, pelas informações que temos e que aliás no estrangeiro não constituem segredo para ninguém, as exigencias dos comités são grandes e o país não as aceitará de boa mente.

O mercado de descontos durante a quinzena esteve normal, e o papel de primeira ordem e mesmo algum secundario encontrou franca acceitação, regulando as taxas de 5 1/2 % no Banco de Portugal e de 6 a 7 % no mercado livre.

Eis, pois, em resumo, um rapido golpe de vista da quinzena financeira do mercado, cujas tendencias não levam a suppor que para o proximo numero tenhamos de assignar aqui quaesquer factos que venham desequilibrar a balança economica do nosso país.

LUIZ CARMO.

O «Brasil-Portugal»

A opinião da imprensa

Os directores do *Brasil-Portugal* agradecem cordalmente a todos os seus collegas do jornalismo o bisarro acolhimento com que receberam o primeiro numero d'esta revista.

Com as referencias que fazem ao seu trabalho dão estimulos aos esforços que estão resolvidos a empregar sem interrupção para que, dentro do possível, vá melhorando de numero para numero esta publicação, cujo fim principal é estreitar por todas as formas as relações entre os dois paizes.

Na impossibilidade de transcreverem as opiniões de todos os jornaes acerca do 1.º numero, dão as d'aquelles que tem agora presentes para que os leitores vejam quanto é justificada e sincera o agradecimento que por esta forma dirigem a toda a imprensa portugueza.

Do *Diario de Noticias*:

Brasil-Portugal

Já noticiámos o apparecimento á venda do primeiro numero do *Brasil-Portugal*, revista quinzenal illustrada que tem á sua frente como directores tres nomes, cuja simples indicação basta para a recommendarem — Augusto de Castilho, Jayme Victor e Lorjô Tavares.

A feliz escolha dos assumptos, a collaboração litteraria selectissima, o primor das illustrações, a começar pela da capa que faz honra a Roque Gameiro, tudo concorre para que a nova revista tenha um acolhimento *hora si-gue*.

Na parte litteraria figuram n'este 1.º numero, além dos nomes dos seus tres directores, os do conde de Monsaraz, Marrecas Ferreira, João de Deus, Olavo Bilac, Barão de Marajó, Moura Cabral e Abel Botelho; na parte artistica, seguem-se, a Roque Gameiro, Galharado, Augusto Pina, etc.

Abre o numero com um magnifico retrato da illustre artista Eva Tetrazzini, inserido, entre outras gravuras, os retratos de El-Rei D. Carlos e do dr. Campos Salles, do dr. Paes de Carvalho, Pedro de Araújo, Luiz Galharado, Julio Dantas, Julio e Raul Brandão, etc., além de um grupo representando o conselheiro Ferreira do Amaral no Rio de Janeiro.

Tambem uma pagina com diversas illustrações é consagrada ao centenário de Garrett.

O *Brasil-Portugal* vai ter como director artistico Celso Herminio, um nome consagrado pelo apreço do publico, e como correspondentes litterarios, no Porto Raul Brandão, e em Paris o nosso collega Silva Lisboa.

Tudo emfim nos faz prever que esta publicação terá a longa e prospera vida a que aspira e a que lhe dá direito o bom gosto litterario e artistico de quem a dirige.

Das *Novidades*:

Brasil-Portugal

Foi posto hoje á venda na tabacaria Monaco e em todas as livrarias o 1.º numero do *Brasil-Portugal*, a revista illustrada a que já nos referimos e de que são directores Augusto de Castilho, Lorjô Tavares e Jayme Victor.

Emrmosa a illustração, de que, no proximo numero, mais desenvolvimento falaremos.

Do *Popular*:

Brasil-Portugal

Publicado o primeiro numero d'esta revista quinzenal illustrada sob a direcção dos srs. conselheiro Augusto de Castilho, Jayme Victor e Lorjô Tavares.

Um verdadeiro primor. As letras e as artes disputam-se primazias. Muito cuidada e interessante a parte litteraria, composta de artigos e versos de escriptores portuguezes e brasileiros, e verdadeiramente primorosa e artistica, sobrepando os encantadores desenhos de Galharado e Augusto Pina.

Collaboraram n'este primeiro numero, além dos directores, os srs. conde de Monsaraz, Marrecas Ferreira, Olavo Bilac, barão de Marajó, Moura Cabral, e Abel Botelho, que firma uma brilhante revista theatral.

O *Brasil-Portugal* apresenta-se magnificamente e terá de certo no Brasil o bello acolhimento que entre nós se lhe fez.

Do *Jornal do Commercio*:

Brasil-Portugal

É uma deliciosa revista, quinzenal e illustrada, dirigida superiormente pelos srs. Augusto de Castilho, Jayme Victor e Lorjô Tavares.

O primeiro numero, saído hontem, publica retratos de S. M. El-Rei, Dr. Campos Salles, Eva Tetrazzini, Garrett, Dr. José Paes de Carvalho, Fonseca Araújo, Adelia Marchesi, e interessantes illustrações de Galharado e Pina, acompanhando versos inéditos de Macedo Papança e um conto de Lorjô Tavares.

Artigos firmados pelos nomes respeitados de Augusto de Castilho, Marrecas Ferreira, Jayme Victor, barão de Marajó, Moura Cabral e outros. Na pagina d'honra versos do nosso amoro João de Deus e d'esse sentimental brasileiro Olavo Bilac. A fechar um primoroso artigo sobre os tres novos organos portuguezes: *Primeira pedra*, *O que morreu d'anime* e *Noite de Nola*. O artigo é assignado pelo nome autographado de Abel Botelho e envolve os retratos dos moços auctores.

A revista tem um ar leve e elegante e pode exigir logar no *bonair* aristocratico d'alguma condessinha artista, entre uma jarra de Sèvres e um precioso bronze japonês. E bastava-lhe a elegante capa que Roque Gameiro lhe realisou, para possuir esse direito.

Prosperidades.

Do *Seculo*:

Brasil-Portugal

Temos presente o primeiro numero d'uma excellente revista quinzenal illustrada, *Brasil-Portugal*, da que são directores os srs. conselheiro Augusto de Castilho, Lorjô Tavares e Jayme Victor.

É magnifica esta publicação, quer pelo cuidado extremo da parte litteraria, quer pelo brilhantismo das illustrações. Avalia-se facilmente, pela simples enumeração do summario:

Eva Tetrazzini; Chronica electrica; El-Rei D. Carlos, por Jayme Victor; Largo da Nazareth, Pará; Dr. Campos Salles, por Augusto de Castilho; Uma flor do Ceará; As Mondadeiras, pelo conde de Monsaraz; Dr. José Paes de Carvalho, por Marrecas Ferreira; O centenário de Garrett; Ferreira do Amaral no Rio de Janeiro; Pedro Maria da Fonseca Araújo; A despedida de verão, por Lorjô Tavares; Marchesi Coniglio; Rio de Janeiro; Pensamentos; Adeus, João de Deus; Ida, Olavo Bilac; A Borracha ou gomma elastica, pelo barão de Marajó; Da varanda do club, por Moura Cabral; theatros, por Abel Botelho.

O numero contém 22 illustrações, algumas de Galharado, Pina, etc.

Da *Vanguarda*:

Brasil-Portugal

Acabamos de ser agradavelmente surpreendidos pelo 1.º numero d'esta extraordinaria publicação, a mais bella e a mais primorosa que se tem feito em Portugal n'estes ultimos tempos. A testa da nova revista figuram os nomes dos srs. Augusto de Castilho, Jayme Victor e Lorjô Tavares, como directores, o que constitui uma garantia de seriedade, de elevação litteraria e de fino espirito critico e artistico. Entre as gravuras do presente numero, inexcelsive em nitidez, destacam-se uns deliciosos retratos de Eva Tetrazzini e do dr. Paes de Carvalho, um bello grupo representando Ferreira do Amaral no Rio de Janeiro, etc., e, sobrepando a collaboração litteraria, em que avulta a prosa de Augusto de Castilho, Jayme Victor, Lorjô Tavares, Moura Cabral, Marrecas Ferreira e Abel Botelho, e versos inéditos do conde de Monsaraz, illustrados por Galharado, etc.

Emfim, uma verdadeira joia litteraria e artistica que muito honra os seus auctores.

Do *Tempo*:

Brasil-Portugal

Sain já o primeiro numero d'esta revista quinzenal illustrada.

A capa, um verdadeiro primor d'arte, constitue mais uma prova do exuberante talento artistico de Roque Gameiro.

O trabalho da *schio-tiroma*, executado nas officinas da Companhia Nacional Editora, muito honra o trabalho nacional.

O novo quinzenario publica n'este seu primeiro numero dois magnificos retratos — gravuras de Pastor — de S. M. El-Rei D. Carlos e do dr. Campos Salles; retrato de Garrett, acompanhado de photographias representando a casa onde falleceu e o tumulo em que repousa o glorioso escriptor portuguez, no cemiterio occidental; o retrato do dr. José Paes de Carvalho, governador do Estado do Pará; o retrato da distincta *prima-donna* Eva Tetrazzini; magnificas illustrações de Galharado e Augusto Pina; vista da cidade do Rio de Janeiro e ainda os retratos de Fonseca Araújo, de Marchesi e Coniglio Francesco, de Luiz Galharado e de Julio Dantas, etc.

Na parte litteraria ha a registar magnificos artigos e poesias, escriptos por Lorjô Tavares, Jayme Victor, Augusto de Castilho, conde de Monsaraz, Marrecas Ferreira, João de Deus, Olavo Bilac, barão de Marajó, Moura Cabral e Abel Botelho.

Como se vê, o *Brasil-Portugal* tem uma collaboração de primeira ordem e por isso é de crer que a sympathica publicação tenha um feliz e prospero porvir.

São tambem esses os nossos votos.

Do Reporter :

Brasil-Portugal

Como estava anunciado, appareceu hontem o primeiro numero d'esta revista quinzenal, sob a direcção do sr. conselheiro Augusto de Castilho, do nosso collega de redacção Jayme Victor e do nosso amigo sr. Lorjô Tavares.

É um verdadeiro primor este primeiro numero, o mais artistico que temos visto em Portugal.

A capa de Roque Gameiro é um encanto pela intenção, pelo desenho e pelo colorido no novo processo da *schio-chromia*.

Todas as 22 illustrações que se espalham pela revista obedecem ao mais irreprehensivel bom gosto, e ao mais metucioso cuidado na disposição artistica, e provam quanto está adelantada em Portugal a arte de impressão que a empresa do *Brasil-Portugal* atiladamente confiou á Companhia Nacional Editora.

Destacam-se entre esses numerosos trabalhos de arte os grandes retratos de El-Rei, do dr. Campos Salles, da Tetraxini (na *Valkiria*), do dr. Paes de Carvalho, governador do Pará, e da cresença cearense, e as esplendidas vistas do Rio de Janeiro, do Pará, de Ferreira do Amaral, colhido em flagrante pela photographia no meio de um vasto grupo de homens e senhoras, sob a varanda do hotel das Paineiras, no Rio de Janeiro, a pagina de Garrett com o retrato do poeta, a casa onde morreu e o fazigo, os medalhões de Luiz Galhardo, Julio Dantas, Kaul e Julio Brandão e as illustrações de Tavares, firmadas por João Galhardo e Augusto Pina, a acompanharem os versos do conde de Monaraz e o conto de Lorjô Tavares.

O sr. conselheiro Augusto de Castilho firma um elevado artigo acompanhando o retrato do presidente dos Estados-Unidos do Brasil, e o nosso collega Jayme Victor o que acompanha o retrato de S. M. El-Rei.

É finalmente humoristica a chronica de Moura Cabral, o artigo de Abel Boteiho sobre theatros superiormente pensado, e o que é firmado pelo sr. barão de Marajó acerca da borracha, no Pará, prova a competencia do illustrador publicista brasileiro sobre assumptos d'esta especialidade.

A *Apresentação*, firmada pelos tres directores, e a *Chronica Electrica* são dois magnificos bocados de prosa moderna, que é notavel pelo sentimento artistico de que é repassado, o artigo com que o sr. Marrecas Ferreira acompanha o retrato do dr. Paes de Carvalho.

Tem, além d'isso, a revista secções recreativas e de sciencia facil. É, em resumo, sob todos os pontos de vista, uma publicação excepcional no nosso acanhado meio litterario. Com o *Brasil-Portugal* muito podem lucrar as relações entre os dois paizes.

Do Correio da Noite :

Brasil-Portugal

Foi hoje posto á venda na tabacaria *Monaco* e em todas as livrarias de Lisboa o 1.º numero do magnifico periodico *Brasil-Portugal*, dirigido pelo sr. conselheiro Augusto de Castilho, Lorjô Tavares e Jayme Victor. A falta de espaço inibe-nos de apreciarmos hoje com o devido elogio a primorosa revista, uma das mais elegantes que tem saído dos prelos portuguezes.

Da Tarde :

Brasil-Portugal

Recebemos o n.º 1 d'esta magnifica revista quinzenal illustrada, publicada sob a direcção dos srs. Augusto de Castilho, Jayme Victor e Lorjô Tavares, e deede já podemos dizer que no seu genero é o dos trabalhos mais completos e mais perfectos.

Segundo o programma de apresentação, firmado pelos seus directores, o fim principal d'esta revista é tornar o Brasil conhecido em Portugal, e Portugal conhecido no Brasil; por consequencia devem existir no seu texto, na sua parte litteraria e artistica, assumptos que digam respeito a estes dois paizes. O numero que temos presente assim é, tendo á frente

da sua galeria de retratos os de Sua Magestade El-Rei D. Carlos, com artigo firmado por Jayme Victor, e o do presidente da Republica, sr. dr. Campos Salles, com artigo firmado por Augusto de Castilho. Além d'estes retratos, tem tambem o do governador do estado do Pará, com artigo de Marrecas Ferreira, e uma magnifica photographia representando o conselheiro Ferreira do Amaral no Rio de Janeiro, rodeado da officialidade de bordo do cruzador e de muitas damas e cavalheiros d'aquella capital.

O artigo especial sobre theatros refere-se aos originaes ultimamente representados, dando ao mesmo tempo o retrato dos auctores, o que realmente torna esta secção muito interessante. Contém uma pagina dedicada ao centenario de Garrett, poesias e artigos illustrados, e vistas representando o Rio de Janeiro e a praça da Nazareth, no Pará. Como se vê, pela simples noticia que deixamos escrita, esta publicação é unica em Portugal, e muito louva vel o fim a que ella é especialmente dedicada, não podendo deixar de concorrer para se estreitarem relações entre os dois paizes irmãos e amigos — Brasil e Portugal.

Do Commercio do Porto :

Brasil-Portugal

Está publicado o 1.º numero d'esta revista, que na realidade tem um cunho original e apparece engalanada com artigos primorosos e de toda a actualidade e com illustrações finamente executadas, representando não só personalidades em evidencia, mas cidades, allegorias, etc.

Os retratos de el-rei D. Carlos e do actual presidente da Republica brasileira são duas soberbas paginas artisticas. O panorama do Rio de Janeiro dá uma idéa do que é aquella cidade, a principal da America do Sul.

O *Brasil-Portugal* entra nos dominios da publicabilidade com as galas da arte e das letras. Que nunca a prosperidade o deixe de acompanhar.

Do Diario da Tarde, do Porto :

Brasil-Portugal

Recebemos o primeiro numero d'esta esplendida publicação illustrada, dirigida pelos srs. conselheiro Augusto de Castilho, Jayme Victor e Lorjô Tavares.

O *Brasil-Portugal*, desde a capa colorida e bellamente illustrada por Gameiro até á ultima pagina, é um primor. Gravuras deliciosas, prosas e versos dos primeiros escriptores de Portugal e do Brasil, tudo isto n'um papel magnifico, a dar mais tarde, com outros numeros, um album precioso e artistico.

A excellento revista dá nos o retrato de Era Tetraxini, el-rei D. Carlos, dr. Campos Salles, G. M. dr. José Paes de Carvalho, governador do Estado do Pará, Almeida Garrett, Fonseca Araujo, Marchesi Coniglio, Coniglio Francesco, Luiz Galhardo, Julio Dantas, Julio Brandão e Raul Brandão.

Além d'estas, outras primorosas gravuras, e com o aspecto do Rio de Janeiro, casa onde falleceu Garrett, Ferreira do Amaral no Rio, etc.

Emfim, uma publicação brilhantissima, interessando vivamente os leitores dos dois paizes a que se destina, evidentemente como raras devem ter apparecido no mercado luso-brasileiro.

Do Primeiro de Janeiro, do Porto :

Brasil-Portugal

Recebemos o primeiro numero d'esta esplendida revista quinzenal illustrada, de que são directores os srs. conselheiro Augusto de Castilho, Jayme Victor e Lorjô Tavares. Traz uma collaboração soberba de poetas e prosadores portuguezes e brasileiros, e entre as numerosas e magnificas illustrações figuram os retratos de el-rei D. Carlos e do sr. dr. Campos Salles, presidente da Republica do Brasil.

A capa é illustrada com um bello chromo. Felicitações aos directores da interessantissima revista, que é a todos os respeitos uma

publicação de primeira ordem e que, tanto em Portugal como no Brasil, terá sem duvida o mais sympathico e lisonjeo acolhimento.

X

A QUINZENA FINANCEIRA

Sob este titulo damos na primeira pagina um artigo firmado pelo sr. Luiz Cardoso. Esta secção, hoje inaugurada para ter cabimento em todos os numeros, vae além das promessas feitas no primeiro numero.

Para os muitos leitores que o *Brasil-Portugal* tem no mundo da finança é esta secção de grande utilidade: por isso ella foi confiada á penna autorizada do sr. Luiz Cardoso, que tem hoje a seu cargo as importantes chronicas commerciaes e financeiras do *Jornal do Commercio* e do *Commercio do Porto*.

X

ARTE DE SER FORMOSA

Ningum estado com maior cuidado e mais fina intelligencia esta arte do que a condessa de Valresson.

Por isso ella deve ser adorada por todas as mulheres, porque ensina ás mais bellas a maneira pratica de fazerem realçar a sua formosura. Ás menos favorecidas da natureza a de corrigirem os seus defeitos ou attenuarem a sua fealdade.

Depois as citações que faz, os conselhos que dá, os alvites que sugere, trazem todos um cunho de segurança e de experiencia que podem constituir o verdadeiro evangelho da belleza feminina.

D'esta forma julgamos prestar um serviço a todas as damas que tiverem a amabilidade de ler o *Brasil-Portugal*, fornecendo-lhes em todos os numeros indicações e conselhos, que vamos arrancar ao precioso livro da condessa, para ser o repositório mais seguro, mais abundante e mais moderno de tudo quanto interessa á hygiene, á belleza, aos encantos da mulher.

I

A mulher moçera

"O primeiro dever que lhe assiste,—diz a condessa—é occupar-se de si propria e não desprezar cousa alguma que possa contribuir para aformosura."

Ha mulheres que julgam não carecer de atractivos além d'aquelles de que dispõem. Chegam mesmo a convencer-se de que defeitos, se os teem, imperfeições de qualquer natureza constituem um modo de ser caracteristico, dando-lhes uma belleza especial e inconfundivel.

Outras ha que se iludem completamente julgando que conseguem, á força de artificio, ser bonitas. Como a natureza foi para com essas excessivamente generosa, dá-lhes de muita intelligencia para attenuarem os proprios defeitos e compensarem com um pouco de arte as faltas de que a natureza é a unica culpada.

Ha outras então, angusticamente religiosas, que julgam ser uma profanação á obra divina, o modifica-la em qualquer sentido e corrigi-la seja no que for. Tementes a Deus, se tal fizessem, incorreriam n'um peccado mortal.

Ainda, finalmente, existem aquellas que tendo marido e filhos entendem que lhes cumpre o dever de dedicarem a elles todos os seus cuidados sem se occuparem de si proprias.

Ora, o que a todas ellas, ás primeiras, como ás ultimas, diz com muito acerto a condessa de Valresson,—é que acima de tudo está o bello, e que d'isso deu o typo a proprio Deus quando escolheu para mãe do seu filho muito amado a mais bella de todas as mulheres, a Virgem. O proprio Christo era, segundo reza a Escripura, de uma esculptural belleza, e os anjos nunca foram pintados pelos grandes artistas, senão como typos de belleza carnal.

São defeituosa uma d'estas figuras poeticas, que tão bem symbolisam o Christianismo, e varrecha como todos attribuem a falta ou o defeito á incompetencia do artista. A belleza, por consequente, em qualquer forma que se manifeste, é o ideal de todas as artes, e a mulher bella o encanto supremo da humanidade.

SCIENCIA FACIL

MODO DE CONSERVAR AS FLORES—Para que as flores cortadas conservem a sua frescura, durante 15 ou mais dias basta metter-lhes os pés em agua ammoniacal (5 grammas de sal ammoniacal para cada litro).

CURIOSIDADES—Os GRANDES RIOS.—O rio de maior percurso, é o Nilo, que mede 5.940 kilometros. A este gigante liquido seguiu-se o Mississippi com o Missouri que tem 5.882 kilometros. O 3.º em grandesa é o Amazonas com 5.800, e cuja embocadura se encarcara ao mar por 40 leguas de comprimento.

São estas tres monstruosas correntes do globo. Todos os outros rios vão diminuindo o seu curso até chegarão ao Sena, que apenas tem 770 kilometros. São entretanto respeitaveis estes algazarimas:

O Rhéno.....	846
O Itheno.....	1.550
O Senegal.....	1.700
O Zambeza.....	2.660
O Ganges.....	2.708
O Danubio.....	2.850
O Volga.....	3.490
O Mississippi.....	3.540
O Niger.....	4.150
O Congo.....	4.200
O Ob.....	4.229
O Paraná.....	4.700
O Yang-tsé-kiang.....	5.082 1/2

—Ai mamã! Que pena eu teria se tivesse nascido daqui a dois seculos!
—Porquê?
—Porque me horrorisa a ideia da muita historia que os meninos n'esse tempo terão que aprender.

Horas de ocio

N.º 18

Enigma

N.º 16

Charada

(QUADRO DUPLA)

Substantivo	
Adjectivo	
Verbo na 1.ª	
Cidade	

Cidade	● ● ● ●	Substantivo
Verbo na 1.ª	● ● ● ●	Adjectivo
Adjectivo	● ● ● ●	Verbo na 1.ª
Substantivo	● ● ● ●	Cidade

Cidade	
Verbo na 1.ª	
Adjectivo	
Substantivo	

N.º 17

Logographo

Homem, 4-3-1-7	
Homem, 1-4-1-7	
Homem, 4-2-2-7	
Homem, 4-2-7-7	
Homem, 3-7-7-7	

Mulher, 1-6-1-4-1-1	
Mulher, 1-1-3-3-3-1	
Mulher, 4-3-4-1	
Mulher, 1-4-3-1-1	
Mulher, 1-2-4-1	

CONCETTO

Homem

As respostas relativas a esta secção só serão publicadas de quatro em quatro numeros para haver tempo de recolher as que venham do Brasil e outros pontos do ultramar.

Serão publicados todos os problemas, charadas, enigmas, logographos, exercicios, perguntas, tudo enfim que tenha lugar n'esta secção, sempre que venham acompanhados das respectivas soluções ou decifrações.

No fim de cada anno de publicação daremos a lista completa de todos os decifradores e colaboradores das *Horas de Ocio*.

As respostas devem ser enviadas a

Arlequim.

O coronel para c'recruta:
—Você está costumado ao fogo?
—Não, senhor.
—Então nunca entrou em acção?
—Sim, senhor: vivo com minha sogra.

—Tens ahí uma libra que te não sirva?
—Tenho. Pegá lá.
—Obrigado. Oh diabo! É falsa.
—Bem sei. Dou-t'a porque não me serve.

FASCICULOS SEMANAES

8 folhas de 8 paginas cada, 4.º grande

4 MAGNIFICAS GRAVURAS GRANDES 4

CADA FASCICULO 60 REIS Assignatura Permanente

MANUEL PINHEIRO CHAGAS

HISTORIA DE PORTUGAL

Edição popular e illustrada, direcção de ROQUE GAMEIRO

Publicação semanal e barata

Assignaturas em LISBOA, Livreria Moderna, rua Augusta, 95.—PORTO, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 10, 2.º, e em todas as litterarias da patria

Estão publicados — 25 FASCICULOS E 5 TOMOS — Estão publicados que se enviam mediante 60 REIS cada fasciculo e 500 REIS cada tomo, a quem os requisitar a 1.ª AGOSTA, 95

TOMOS MENSAES

5 fasciculos com mais de

20 MAGNIFICAS GRAVURAS GRANDES 20

CADA TOMO 300 REIS Assignatura Permanente

COMPANHIA

de Mossamedes

Sociedade anonyma

Capital Rs. 2.475.000\$000

Ações de 45500 reis

Sede social em Lisboa

90, Rua de S. Julião

Comité da Direcção:

4, Rue Le Peletier, Paris

Administrador delegados:

Antonio Julio Machado

Aos clinicos e doentes

preparados de Sil...
do serviço pharmaceutico das hospicias de S. José e Estrella...
ma Lisboa, (republica, final, analise) — contém todos os phar...
pelo activo de crâmico — SMITH — em uma forma muito azarada...
ver de paladar. Tomo-se aos calculos. Evoluções em solidificação...
perda de phosphoros — REGRATIUM — Glicozos polyphosphor...
phosphoratos. Para os nervos, a BIRNIA — Glicozos mar...
o ferro. Para todos os casos em que ha necessidade de empregar...
DIPONISTOS: Ein Lisboa — Arcavado, irmão & V. Lopes, hotel...
ma Lisboa, (republica, final, analise) — contém todos os phar...
ma Lisboa, (republica, final, analise) — contém todos os phar...
ma Lisboa, (republica, final, analise) — contém todos os phar...

COMPANHIA

de S. Vicente de Cabo Verde

Sociedade anonyma

Capital Rs. 585.000\$000

em

AÇÕES DE RS. 585000 CADA UMA

Sede social: Lisboa

12, Largo de S. Julião

Comité de Direcção em Londres

4 Penrhyn Avenue

S. Vicente de Cabo Verde, rua de...
ma Lisboa, (republica, final, analise) — contém todos os phar...
ma Lisboa, (republica, final, analise) — contém todos os phar...
ma Lisboa, (republica, final, analise) — contém todos os phar...

Endereços telegraphicos:

Codex usad—Minatello-Lisboa.

and Watkins—Minatello-S. Vicente.

Administrador delegado:

Antonio Julio Machado.

Livreria Chardon de Lello & irmão, PORTO

BENSABAT

O Italiano, Inglez, Francez e Allemão sem mestre. Cada volume 5\$200 reis. Envia-se o catalogo geral a quem o requisitar.

Antonio Nicolau d'Almeida, Valle & C.º

Escritorio:

Rua da Porta do Sol, PORTO

Grandes depositos de vinhos de todas as regiões de Portugal.

Vinhos premiados em todas as exposições a que tem concorrido.

Marca registada. Casa fundada em 1870.



Armazem de fazendas e fato feito, por atacado e a retalho

FORNECEDORES DA CASA REAL

ESPECIALIDADE P'UNIFORMES

J. NUNES CORRÊA & C.º

Rua do Ouro, 40, 42 e 44; Rua de S. Julião, 130, 132, 134 e 136 — LISBOA

Fornecem-se com a maior brevidade qualquer fornecimento e encomendas para exportação.—Atelier mechanico para confecção de uniformes. Garantem-se em todas as encomendas a boa qualidade, perfeição e modicidade de preços.